LAMPIÃO da esquina

Ano 3/Nº 27

Rio de Janeiro, agosto de 1980 — Cr$ 40,00

Leitura para maiores de 18 anos

MAIS TESÃO menos encucação

(O papa vazelina, troca-troca, SBPC, partidos políticos, Frei Betto, ativismo, violação de homossexuais: tudo no mesmo saco de gatos)

A incrível metamorfose de Andrea Casparelly

ENFIM: O NU FRONTAL!

Bichas e lésbicas na SBPC

Entrevistas: Sartre e Ninuccia Bianchi

Quem liga pro meio ambiente?

Dia 5 de junho comemorou-se o Dia Mundial do Meio Ambiente. Ironicamente e talvez propositalmente nesse dia, o nosso simpático Presidente assinou decreto de desapropriação de uma área entre Iguape e Peruibe, no Estado de São Paulo, área essa, além do mais, considerada reserva ecológica. Ali serão instaladas duas usinas nucleares. Desaforo proposital, desprezo pelo meio ambiente em benefício dos interesses tecnocratas (ou altas corrupções?), ou apenas descaso pelos destinos do país e do povo? A verdade é que, apesar de toda a reação popular expressa em manifestos, passeatas, críticas nos meios de comunicação, apelos dos especialistas e das entidades ecológicas, o poder constituído mais uma vez mostrou que só faz o que quer: a instalação foi decidida sem qualquer consulta prévia ao povo. Pronto! Estamos conversados! Ai Brasil...

Como disse a Norma Bengell: "Abertura? Só se for das pernas!" — no caso as nossas, povo brasileiro, que mais uma vez terá que pagar e bem caro pelo que não deseja e que é comprovadamente desnecessário. Além disso, toma recriminação deles: falta de patriotismo, subversão, atraso cultural, etc. Porque eles, os tecnocratas da Nuclebrás, é que sabem o que é melhor para nós. Chegam ao absurdo de acusar os que se opõem aos seus planos, de estar organizando um complô internacional com a Rússia e os Estados Unidos (sic), as organizações sionistas etc., etc., a fim de impedir o Brasil de colocar-se lado a lado com as nações tencnicamente evoluídas. Pode tamanha burrice!? Estranhamos que o Sr. Said Farah, que é o comunicador oficial do Governo, tenha deixado escorregar uma tal chanchada, tão ingênua quanto declaradamente fascista.

Enfim, o "abacaxi" nuclear agora é nosso!... Em breve estará tanto nas nossas mãos como nos nossos pés, nas nossas cabeças, no ar que respiraremos, nos alimentos que comeremos, na água que beberemos e... prontinho para explodir, **boom!** e acabar com a pouca alegria que ainda nos resta nesta época de penúrias.

Os ecólogos e preservadores da natureza levantaram mais uma vez o seu apelo (inútil): as populações do Iguape e Peruibe, apavoradas com o terror permanente que representarão as usinas, organizaram manifestações de protesto e rezaram missas pelas futuras vítimas das radiações nucleares. No dia 5 de junho deslocou-se para Cubatão um grande contingente de pessoas a fim de apoiar, os protestos do povo daquela cidade, considerada a mais poluída do mundo. Em São Paulo, os grupos ecológicos, conjuntamente, fizeram uma reunião na Praça da Sé, e, como parte do protesto geral o grupo "Arte e Pensamento Ecólogico" realizou uma dramática passeata pela Avenida Paulista com os atores do Grupo Teatral "Abre mais que agora vai", maquilados de vítimas da explosão nuclear ou usando máscaras contra radiações e puxando até debaixo da marquise do Museu de Arte um andor com Adão e Eva incinerados.

São Paulo teve então nestes dias passados o que se pode chamar de um período bastante agitado: a partir do dia 26 de maio o delegado Richetti começou a sua sádica "blitz" dita moralista, caçando prostitutas e travestis. Na semana seguinte Iguape e Peruibe ganharam por decreto as suas usinas nucleares. Se não tivesse sido um período mais longo que uma semana e a tal caçada humana não tivesse continuado, poderíamos até pensar numa nova "Semana da Pátria" na qual dois dos grandes interesses do país estariam sendo defendidos: a boa moral dos privilegiados e os grandes interesses econômicos. Protestar? Claro que podemos, sim! Afinal, estamos num regime democrático que nos garante (finalmente) esse direito, através de uma abertura política, depois do longo período de obscurantismo. Mas será que adianta clamar para o povo, que certamente já está conscientizado de tudo, quando a **ação** neste nosso país depende somente da vontade de alguns? (**Darcy Penteado**)

Recadinho a Alice

Querida Alice, aqui no País das Maravilhas as coisas vão indo sem muita graça. Como eu já te disse antes, nota-se uma crise de militância no ar. E isso eu acho saudável, apesar de não ser fácil. Nestes dois anos de discussão, parece que aprendemos a andar em círculos. Afinal, que diabo fizemos se hoje não temos nem tempo (ou pique) para trepar? Não se trataria de um fracasso em criar instrumentos novos para análise e discussão? O máximo que estamos conseguindo é passar a limpo o que tínhamos de politicamente mais original, provocador e rebelde, pois acabamos rezando de acordo com os manuais e catecismos da moda.

Essas circunstâncias podiam ser constatadas naquele infeliz congresso da UNE para bichas e lésbicas, onde as pessoas inclusive teimavam em se chamar pudicamente de "companheiras". Desconfio que, em tudo e por tudo, acabamos imitando os meninos do movimento estudantil. Houve um bruto esforço e afinal a montanha pariu um rato. Viemos cair no mesmo equívoco de nossas esquerdas puritanas: estamos extravasando nosso desejo num ativismo político desvairado e nos tornando imunes à sensualidade que outrora foi importante em nossas vidas. Nas mesmas reuniões onde se discutia o prazer, já não há reflexões ousadas. Agora vêem-se enfadonhos rostos de militantes cuja rigidez muscular reflete suas propostas políticas. Vivemos no mesmo universo religioso, só que agora feito de dicotomias do tipo "revolucionário/ reacionário", "hetero/ homo", "machista/ feminista" — enfim, variações em torno da idéia "bandido/ mocinho".

Pensando que estamos sendo democráticos, exigimos votação para tudo — ou seja, nossas relações só se tornam através de mecanismos consagrados do poder. Acho que a tão malfadada militância, que já estropiou nossas melhores cabeças de esquerda, está diluindo também aquilo tudo que nós teríamos de mais pessoal, específico e original a propor.

Isso me dá um pouco de pânico, sabe Alice, porque eu não gostaria de substituir um rei por outro. Acho que dentro dos grupos há uma forte tendência de se criarem algo assim como clubinhos e igrejinhas. Exatamente igual àquilo que criticávamos. Pior: tenho essa sensação também ao ler este jornal, onde certos artigos parecem ter sido escritos por guerreiros de uma nova causa, falando uma linguagem demagógica, superficial e edificante. Noto que, atualmente, é comum entre nós um tom ufanista ou atitudes revanchistas que são sem dúvida um sentimento de culpa ao inverso. Ou então lembram a insegurança do adolescente que fala obsessivamente de sua beleza, mas na realidade se acha feio e quer, a qualquer custo, convencer a si mesmo ao convencer os outros. De repente o homossexual é aquele que faz tudo certo e caminha aceleradamente **para a vitória**.

Nossa linguagem comporta idéias como: "ganhamos mais um ponto", "passaremos ao ataque", "combateremos quem quer nos esmagar". Coisa de santa causa, outra vez, Alice! Ou então, sofremos de um generalizado oba-oba político, onde o ato de desmunhecar virou coisa de manual: para uns, desmunhecar é "revolucionário"; para outros, e "decadente". Já existe então a bicha "verdadeira", o viado "mais autêntico". Provavelmente, não demora muito estaremos aguardando a vinda de um Messias Bicha (ou Lésbica). E não mudamos em nada o sectarismo que ainda condena nossas práticas sexuais alternativas. Apenas viramos o lado da moeda. Pois até mesmo nossas paqueras se tornaram estereótipas: paquerar já é uma forma de militância. Trepar é mais sagrado ainda. E por isso, nossa vida sexual anda uma merda. Porque de repente estamos nos comportando com a mesma (e velha) maneira doutrinária, respeitando o mesmo princípio de autoridade. Nossa boca anda cheia de palavras como "puro", "verdadeiro", "natural" — as mesmas qualificações que os psicólogos usam para nos condenar.

Enfim, Alice, acho que alguma coisa está precisando ser checada nessa famigerada "militância" — dentro do Lampião e dos grupos organizados. Acho que esquecemos de estender a crítica à nossa própria ação e aos nossos vícios de gueto. Definitivamente, não somos melhores ou ideologicamente mais corretor por sermos homossexuais. Se a vivência da marginalidade à qual nos obrigam acaba nos fornecendo elementos novos de crítica, isso depende do sentido que imprimimos à nossa ação. Não existe varinha mágica que nos mude — seja ela hetero ou homo. É como a maconha ou o feminismo. Conheço gente ótima e gente péssima que fuma maconha. Conheço também feministas autoritárias e machistas.

Em resumo, Alice, acho que não podemos nos dar ao luxo, neste 1980, de achar que o paraíso ainda existe e que nós somos os anjos-guardiões de suas portas. Existem sim os guetos. Mas não se iluda: o Richetti mostrou que este não é exatamente o país da Bicha (ou Lésbida) Maravilha. Olhe querida, um beijo, responda logo, viu? E não esqueça de me contar do seu último show no Bifão. (**João Silvério Trevisan**)

Conselho Editorial — **Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.**

Coordenador de Edição — **Aguinaldo Silva**

Colaboradores — **Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Dolores Rodriguez, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).**

Correspondentes — **Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).**

Fotos — **Cyntia Martins, Iara Reis (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitni (São Paulo); Dimitri Ribeiro (Rio) e Arquivo.**

Arte — **Antônio Carlos Moreira (Arte Final), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hartur e Levi.**

Revisão — **Dolores Rodriguez e Gladys Pamplona.**

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 — 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — **Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro-RJ.**

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento, 189/4º andar, Rio.

Distribuição — Rio: **Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda.** (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo: Paulino Carcanheti; Salvador: Livraria Literarte;** Florianópolis e Joinville: **Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.;** Belo Horizonte: **Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.;** Porto Alegre: **Coojornal;** Curitiba: **J. Chignone e Cia. Ltda.;** Vitória: **Angelo V. Zurlo;** Campos: **R.S. Santana;** Jundiaí: **Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.;** Campinas: **Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda.; e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.;** Ribeirão Preto — **Centro Acadêmico de Filosofia;** Juiz de Fora: **Ercole Caruso & Cia. Ltda.;** Brasília: **Anazir Vieira da Silva,** Goiânia: **Agrício Braga & Cia. Ltda.;** Recife: **Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.;** Fortaleza: **Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.**

Assinatura Anual (doze números): Cr$ 450,00. Números atrasados: Cr$ 50,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woitjila

Foi quase com um grito de vitória que um dos integrantes do Beijo Livre ficou sabendo, por telefone, que a carta aberta ao Papa havia chegado até pertinho de João Paulo II e, ao que tudo indicava, chamado a sua atenção. Afinal, ninguém merecia mais ler aquela carta que seu próprio destinatário.

Nesta carta, escrita a várias mãos, os rapazes do Beijo Livre falavam principalmente das declarações do Papa em Chicago, quando ele acusou o homossexualismo de ser "moralmente errado" — coisa, aliás, que sempre me levou a pensar na curiosa coincidência entre a moral de Cristo e a da classe dominante. Está lá, escrito: "Reconhecemos a ampla influência da Igreja no Mundo Cristão. Dessa forma, acreditamos que as declarações de S.S. justificam a repressão, a violência e o preconceito de que são vitimas os homossexuais." Prova disto é que muita gente que foi presa quando passava as férias em São Paulo voltou para Brasilia com a impressão de que estavam limpando a cidade para receber o Papa.

O trabalho de divulgação da carta começou nas redações dos jornais. Em seguida, munidos de traduções para o francês e o inglês, os rapazes do Beijo Livre foram bater às portas do monstruoso e babilônico Centro de Convenções onde estavam reunidos todos os jornalistas encarregados de cobrir a visita do representante da Igreja, e por lá se espalharam, empenhados que estavam em dizer ao mundo o que achavam da opinião do Papa. Ao receber a carta, o jornalista do **Washington Post** mal conseguiu disfarçar a vontade de rir — o que lhe garantiu olhares furiosos. As duas jovens senhoras representantes da imprensa chilena não sabiam se rasgavam ou escondiam o papel. Já um jornalista da Espanha, que teimava em se comunicar em italiano, mostrou muito interesse e leu a carta várias vezes enquanto tomava um sal de fruta no balcão do restaurante.

As quatro mil cópias xerocadas foram distribuidas pelas caixas de correspondências dos edificios da cidade e nos pára-brisas dos carros. Assim, muita gente deve ter lido que o Beijo Livre acredita que "o Homem tem o direito inalienável de ser livre, de que o princípio bíblico do livre arbitrio deve ser exercido pelos seres humanos com plena responsabilidade e de que a opção homossexual é tão bela e digna quanto qualquer outra".

Feito tudo isto, faltava o mais importante. Tom, um seminarista disposto a pôr em xeque a infalibilidade papal e amigo do Beijo Livre, ofereceu-se para entregar a carta quando estivesse na fila dos 220 diáconos cumprimentados pelo Papa. Do lado de fora, esperávamos impacientes.

E chegou o momento. Tom chamou o Papa, que se voltou. O Monsenhor Paul Marcinkus, presidente do Banco do Vaticano e chefe de segurança, conseguiu chegar antes e apanhou a carta, abriu-a e respondeu à curiosidade do Papa, que queria saber o que estava se passando, com um "não estou entendendo nada," dito em italiano com seu sotaque americano. João Paulo II voltou, abençoou Tom e retirou-se para a sacristia acompanhado de Marcinkus, que ainda tinha a carta aberta em sua mão.

É importante deixar bem claro que a correspondência foi interceptada pela segurança. E, baseado neste exemplo, indagar quantas outras cartas de protesto e denúncia não chegaram ao Papa e das quais ninguém ficou sabendo. Se o destinatário leu o documento, acho dificil que a gente fique sabendo, já que, até agora, ele não se pronunciou a respeito e deu a impressão de que tudo correu exatamente como havia sido planejado nos corredores do Vaticano. Mas se, com um número pequeno de integrantes, o Beijo Livre conseguiu furar o cerco e chegar bem perto da batina da autoridade, o que não seria possivel fazer se os grupos homossexuais pudessem contar com muito mais gente disposta a pôr ventilador na farofa dos donos da moral? Dá até água na boca, só de pensar. **(Alexandre Ribondi)**

A matéria de Alexandre Ribondi já estava pronta quando nos chegou à redação, vindo de Goiânia, um depoimento do seminarista a quem coube a tarefa de entregar a carta a Karol Wojtila. Ele conta tudo em detalhes, e fala a seguir da repercussão do seu gesto junto aos seus colegas seminaristas. A gente não podia deixar passar, sem um comentário, a coragem de Tom, o rapaz que ousou enfrentar a fúria do onipotente Marcinkus. Boa, Tom; você é dos nossos. Leiam abaixo o seu depoimento.

Fico pensando no relato das últimas ações de caráter repressivo originadas pelo meu ato "inconseqüente." Sem nenhum sentimento de heroísmo ou gloriosa fama, reconheço que não errei. E se agora alguns se reúnem, à moda da Santa Inquisição medieval, procurando um meio requintado e "santo" de me punir, nada mais consigo sentir que nojo. Nem a famosa "piedade cristã" pode me fazer sentir outra coisa. Aquela sensação de asco que nos assalta ao descobrirmos um naco putrefato, fétido e nojento de carne podre num armário, me invade. O que fiz é-lhes imperdoável. Eu tivera a ousadia de fazer chegar, às mãos de S. Santidade, uma carta reivindicando uma atitude mais condizente com as palavras e o cargo que ocupa o Sr. Karol Woitjila.

Recordo minhas peripécias para conseguir tão libertário ato. Na véspera havia procurado alguma discreta máquina de escrever, e nela passei a limpo a carta xerografada que eu havia recebido e me comprometido a entregar em mãos ao Beatissimo Padre. De posse dela, viajei com os seminaristas para Brasilia e lá na Catedral, onde o clero recebia o Papa, esperei e estudei o meio de contactar S.S.

A Catedral estava repleta de "agentes de segurança," e o único meio seria tentar quando, após a entrevista, o Papa se dirigisse à sacristia. Fiquei por lá, junto a dois padres idosos, às mãos dos quais fiz chegar uma cópia da carta. Para meu espanto eles a leram e não se assustaram. Pareceu-me que, lá no fundo, eles aprovaram.

À passagem do Papa e sua comitiva chamei a mim a atenção do Sumo Pontífice e estendi a carta. Ele tentou apanhá-la, no que foi impedido pelo famigerado Mons. Marcinkus. Dei a ele a carta e lhe pedi que a entregasse ao Papa. Ele, meio assustado, curioso e furioso, me gritou do alto dos seus dois metros de altura: "Non capice niente. Parla italiani." Ao que lhe gritei, numa mistura de italiano, espanhol e português: "Per favore, entregue a la Su Santidad".

Não sei se ele entendeu, mas virou-se para o Papa e mostrou-lhe a carta, disse-lhe algo, guardou-a na batina e prosseguiu-se o cortejo. Pude ainda perceber que o Papa me sorriu e acenou benevolente. Durante a missa na Praça dos Três Poderes, tentei falar ao referido Monsenhor, que teimou em responder-me em italiano. E eu, nervoso que estava, nem me lembrei de lhe falar em inglês, língua que ele fala fluentemente, pois é meio norte-americano.

Soube depois, extra-oficialmente, que Sua Santidade não responderia ao documento, por considerá-lo irrelevante, e por não querer dar um realce indevido ao problema. Uma revista publicou tudo, com o meu assentimento, e as repressões não tardaram a surgir. Fiquei assustado, mas não surpreso, pois nunca ignorei as conseqüências de tal fato. Só espero que as pressões sejam suportáveis. Aos corajosos que me apoiaram, agradeço. Àqueles que apresentaram suas veladas, modestas e cautelosas defesas minhas condolências (a mediocridade e a morte se parecem). E aos que tentam, do fundo do seu egoismo, me reprimir em nome da santa, caduca e inquisidora moral pseudocristã, eu respondo: Fiz, faço e farei. Não por insânia, irresponsabilidade ou glória. É porque creio nesta causa e porque, legitimamente, eu a creio minha. **(Tom)**

Quando a política é uma festa

Foto: Antônio Pinheiro.

Sem maiores pretensões que chegar mais perto dos rapazes e moças que iluminam as noitadas gays de Brasília, o Beijo Livre preparou uma festa e um show que foram apresentados dia 11 de julho, na New Aquarius Gay Club. Mas um jornal, no dia, anunciou em primeira página que o grupo homossexual da cidade iria promover um espetáculo que discutia o homossexualismo e provocou uma pequena enchente de fregueses nada habitués que queriam ver que coisa era esta.

Foi por isso mesmo que Humberto Pedrancini, o diretor do show de apenas 20 minutos, comentou no camarim, enquanto se maquiava, um pouco nervoso: "E a gente que fez tudo sem tanta pretensão...". Mas valeu a pena e pode-se dizer que o Beijo Livre e a Aquarius conseguiram sucesso: afinal, eram quase quatrocentas pessoas que se apinhavam, de pé, sufocadas pelo calor e que tentavam fazer silêncio, à uma hora da manhã, em meio a uma platéia que, àquela altura, já estava, no mínimo, de pilequinho.

A idéia do show nasceu de um problema básico do Beijo Livre: falta de gente. A maioria das pessoas aqui em Brasilia ficam satisfeitas em saber que existe um grupo disposto a "resolver tanto problema", mas quase ninguém parece atinar que, sem participantes, o Beijo Livre corre o sério risco de ficar chovendo no molhado. Por isto, decidiu-se que estava na hora do grupo ir à montanha e tentar fazer seu sermãozinho, esperando ser bastante convincente.

Vai daí que os rapazes que primeiro subiram ao palco não portavam nenhuma roupa colorida, nem jogavam fantasia sobre a platéia. Fizeram apenas ler um texto onde convocavam todos os participantes e denunciavam a repressão paulista, temendo que ela se repetisse aqui — repressão, aliás, que já se pode detectar timidamente nos pontos mais badalados da cidade. Em seguida, um outro participante fez um empolgante discurso de improviso falando das vantagens do trabalho unido.

Os quatro rapazes do espetáculo subiram ao palco cantando "Cantoras do Rádio" — o que trazia um certo sabor de novidade porque, pelo menos aqui em Brasília, foi a primeira vez que travestis cantaram e não apenas dublaram incompreensiveis canções em inglês. Um velho travesti lamentou, no palco, que, de produto de luxo, tivesse passado a artigo descartável, desses que a gente usa e joga fora e declarou, de alta voz, que "fazia questão de morrer caída na vida". O terceiro quadro mostrou dois rapazes nus tentando fazer amor com as mãos amarradas e as bocas lacradas com esparadrapo. O show terminou com um poema escrito a partir de Cavafis.

Para o Beijo Livre, o resultado não poderia ser melhor: discutiu o homossexualismo em um local onde as bichas e lésbicas se reúnem, invariavelmente, apenas para se divertir e fugir dos inevitáveis olhares reprovadores da polícia e provou que a finalidade de um grupo homossexual não é exatamente promover uma infindável discussão sobre quem tem mais razão ao reivindicar seus direitos, o que muito se me assemelha às cotidianas porradas trocadas pelos políticos do Congresso Nacional. Além disso, as questões tratadas foram bastante objetivas e diziam respeito a todo mundo que tem consciência de que a repressão distribui cacetadas a torto e a direito — e, para nós, discutir estas questões é o que realmente importa. (Alexandre Ribondi).

A platéia dos debates, no Dia de Luta, na FACHA.

28 de junho, um dia de Luta

Na noite de 28 de junho de 1969, em Greenwich Village, EUA, cerca de 400 homossexuais saíram às ruas para defenderem-se da onda de violência e repressão policial que vinham ocorrendo, freqüentemente, nos bares gays do local. O protesto de uma semana teve origem na batida ocorrida na noite anterior, quando a polícia invadiu violentamente o Stonewall Inn Bar, prendendo 13 fregueses. Greenwich Village virou uma praça de guerra com bichas e lésbicas brigando contra os policiais que tentaram, em vão, repetir a operação. Desde então, todos os anos, no último sábado do mês de junho é comemorado o Dia Internacional do Orgulho Gay, como prova da força do Movimento Homossexual em todo o Mundo.

Os primórdios da luta homossexual no Brasil coincidem com a tentativa de organização de uma imprensa Guei. Já na década de 1960, era criada a ABIG — Associação Brasileira de Imprensa Gay, presidida por Anuar Farah e o travesti Thula Morgani, com reuniões na redação de "O Estábulo" (Niterói) e com representantes da imprensa "entendida" ou "rosa choque" como gostavam de se rotular jornais como SNOB, (de Agildo Guimarães, Rio), La Femme, Subúrbio à Noite, Le Vic, Le Sophistique (de Campos), O Felino, Mito, Darling e os jornais de Salvador: La Saison Gay Society, Fotos e Fofocas (o primeiro jornal a cores segundo seu editor Waldeiton Di Paula — vide **Lampião nº 4**), Baby, Zéfiro, Little Darling (posteriormente Tiraninho) e Ello, todos mimeografados e distribuídos de mão em mão nos pontos de encontros homossexuais.

Havia também colunas Gueis que veiculavam notas sociais e amenidades: "Tudo Entendido" (de Fernando Moreno, na Gazeta de Notícias, Rio), "Guei" (de Glorinha Pereira, no Correio de Copacabana, Rio) e "Coluna do Meio" (de Celso Curi, na Última Hora, de SP).

Entre os super-nanicos destacavam-se: Gente Gay e Gay Press (Rio ambos xerocados, 100 exemplares), Aliança dos Ativistas Homossexuais (RJ), e, por fim, Entender, o primeiro jornal impresso Guei, com tiragem inicial de 10 mil exemplares (distribuição mão-a-mão) e Jornal do Gay (depois Gay News), estes últimos vendidos em bancas de jornais (SP).

Só em 1978, no entanto, se consolidaria em definitivo e de modo irreversível, a tentativa de organização Guei, com a fundação do jornal **Lampião** por homossexuais cariocas e paulistas. O saldo qualitativo era evidente: superava-se as meras amenidades para uma discussão séria da repressão ao homossexualismo, que passava a ser visto como uma das muitas "minorias" oprimidas. Essa mudança de enfoque trouxe uma conseqüência imediata: a formação dos primeiros movimentos organizados homossexuais no Brasil.

Dois anos depois, o avanço já era tão grande que em abril de 1980, foi possível a realização do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (em SP), onde foi tratada a comemoração da data de 28 de junho, significativa para o "gay power" americano, por ter sido travada a célebre batalha entre policiais e homossexuais de New York.

O 28 DE JUNHO

A primeira notícia da comemoração de uma data homossexual no Brasil foi em 77, quando Paulo Augusto, no Rio, convocou para o dia 4 de julho manifestação no Passeio Público, onde todos fossem de verde — a cor "gay" internacional. Meses depois, nos jardins do Museu de Arte Moderna, marcou outro encontro, também fracassado, pois lá só apareceram policiais.

Só no I EGHO, abril/80, cogitou-se de uma manifestação do gênero, alterando-se a denominação de "Dia Internacional do Orgulho Gay", para "Dia Nacional da Luta Homossexual", embora permanecessem muitas críticas quanto ao fato de a data ter pouca ou nenhuma significação na história brasileira. No entanto, a maioria dos participantes decidiu mantê-la e deixar a critério de cada grupo uma eventual comemoração. Vale registrar a proposta de Darcy Penteado, para que a data nacional da luta homossexual fosse a de 7 de setembro, deliciosa ironia anarquista que, no entanto, não vingou, talvez por sua sutileza não ter sido percebida no calor da discussão.

COMEMORAÇÃO

Só os grupos do Rio — AUÊ e SOMOS — comemoraram, pela primeira vez no País, o 28 de junho, com um debate na Faculdade Hélio Alonso. Na mesa, contou-se com a presença do Coletivo de Mulheres, através de Lígia Rodrigues, e do Movimento Negro Unificado, com Lélia Gonzalez presidindo os trabalhos.

Para que houvesse a comemoração, a comissão paritária teve que vencer inúmeros obstáculos, sendo o mais grave de todos o local, pois nenhum estava disponível quando se inteiravam do motivo do debate... A própria FACHA, através do seu diretor, na véspera do dia 28, transferiu a cerimônia das 17 para às 19 horas, acarretando uma série de transtornos, inclusive com as filipetas e os convites.

Embora esta mudança de horário tenha desanimado muita gente que não esperou mais duas horas (mesmo que na portaria estivessem meninas e meninos animados entretendo os convidados pontuais...), cerca de cem pessoas estiveram presentes ao debate, com o calor de sua presença e participação.

De início, Lélia abriu a solenidade, lembrando o significado da data, e, a seguir João Carneiro, do Somos/RJ, dissertou sobre a repressão aos homossexuais, denunciando uma série de arbitrariedades (da polícia, dos tribunais, do ambiente de trabalho, da Igreja, da escola, da família, dos tratamentos psicológicos e testes psicotécnicos, dos meios de comunicação, dos partidos políticos), enfim, de todo um sistema machista, mancomunado para manejar a moralidade conforme seus interesses mais imediatos, e acirrando a violência em determinadas épocas, como agora, por exemplo, com as "operações limpezas", pela vinda do Papa, de um papa que condena expressamente o homossexualismo, o aborto, as livres opções corporais.

Seguiu-se a leitura de um dossiê, enumerando casos de violência por todos estes anos, e depoimentos de algumas vítimas diretas, fazendo-se um minuto de silêncio por todos os homossexuais (incluindo-se os negros e as mulheres), sacrificados pela repressão.

Após, João Luís, do Auê/Rio, falou da necessidade da organização dos grupos oprimidos, como uma resposta à repressão, enfatizando que os movimentos organizados têm como tarefa detectar e denunciar esses agentes repressores para combatê-los. Como a luta homossexual não visa a tomada do poder, a política tradicional tende a vê-la como luta menor, se esquecendo de que é necessária a mudança dos padrões culturais que oprimem a todos, para que haja a transformação da atual sociedade numa outra que respeite o indivíduo e suas opções (qualquer que seja ele), na luta pelo bem-estar coletivo.

Foi aberto o debate que durou quase quatro horas. Zé Maria (do Auê) defendeu a importância das alianças entre os diversos grupos oprimidos para fortalecimento da luta comum e tentativa de se fazer um discurso político, onde o ideal libertário possa contribuir para a mudança do discurso tradicional. Otávio (do Somos/RJ) fez uma interessante distinção entre aliança e incorporação; esta seria negativa, mas nada impediria que os movimentos se aliassem para lutas paralelas, desde que respeitadas as especificidades de cada um.

Marcelo (Auê) lembrou que a luta não deveria ser colocada em termos de defesa dos "direitos dos homossexuais", já que a distinção entre estes e os heterossexuais é irreal e meramente ideológica. Deveríamos lutar, isto sim, por uma sociedade onde cada indivíduo pudesse exercer seu direito à livre opção sexual, fosse à maneira homo ou hetero. Assim compreendida, esta briga deixaria de ser só de uma minoria sexual, passando, também, a ser de todo aquele que desejar um mundo mais democrático e humano. Paulo (do jornal Em Tempo), lembrou que é justa a aliança com os operários, pois eles também são um grupo oprimido. O único problema, **nego**, é que ainda há líderes sindicais, como o Lula, negando a existência de homossexuais na classe operária. Assim fica difícil, né?...

A fala de Lígia Rodrigues (Coletivo) foi um dos pontos altos da noite: a mulher e o homossexual têm uma luta muito próxima, na medida em que ambos possuem o direito de uma sexualidade que não leva necessariamente à reprodução, não bastando, para eles, portanto, uma mudança na estrutura sócio-econômica, se não for mudada também a ideologia desta sociedade. Lélia Gonzalez encerrou a comemoração, frisando a importância da articulação destes movimentos com interesses comuns, através da efetivação de uma aliança sólida, contra o discurso de escamoteação imposto por uma cultura capitalista ocidental, sendo imprescindíveis a mobilização conjunta e a organização para fazer frente a um poder machista, branquista, antisexualista e outros "istas" mais... (**Leila Míccolis**)

Uma cachoeira de grupos gueis

O LAMPIÃO recebeu, durante o mês de julho, cerca de uma dúzia de textos produzidos pelos vários grupos de ativismo homossexual, já existentes ou em formação. A maioria desses textos diz respeito a questões pertinentes apenas ao grupo que os produziu — plataforma, métodos de ação, programa de eventos futuros, análises do que já foi feito, etc.. Todo este material, transformado em laudas de 30 linhas de 72 toques, daria umas quatro páginas de LAMPIÃO, o que, somado às páginas de ativismo que já publicamos nesta edição, daria mais de um terço do jornal.

Infelizmente não é possível, para nós, transformar o LAMPIÃO numa espécie de "diário oficial" do ativismo guei. Reconhecemos a suprema importância da formação de grupos de homossexuais, saudamos os novos grupos — Grupo de Atuação Homossexual (Recife), nós também (João Pessoa) — surgidos, incentivamos aqueles que desejam criar outros grupos (Em Goiânia, Goiás: quem estiver interessado, escreva para a Caixa Postal 10.047, naquela cidade, aos cuidados de Tom), mas precisamos manter, a qualquer preço, o tom jornalístico do LAMPIÃO. É graças a ele que o jornal atinge milhares de leitores, os quais, quase sempre, só através deste jornal é que toma conhecimento da existência e da atividade dos grupos.

Foi — mais uma vez — levando em conta esse critério jornalístico, que selecionamos o material a ser publicado nas páginas de ativismo, já que não podemos seguir a sugestão de Zezé (Grupo Outra Coisa, SP), para quem o LAMPIÃO deveria aumentar o número de páginas, de modo a poder publicar tudo o que nos mandam (seria ótimo, querido Zezé, mas é inviável: haja grana...). A comemoração do 28 de junho e a "invasão" da reunião da SBPC pelos grupos Somos/RJ e Auê/RJ, por exemplo; o assunto, aqui, é visto de vários prismas. A entrega da Carta do Grupo Beijo Livre (Brasília) ao Papa, e a festa que o mesmo grupo organizou na capital federal, uma maneira certamente original de arrebanhar novos adeptos.

Dos textos produzidos, selecionamos dois com atualidade jornalística inegável: o do Grupo Gay da Bahia denunciando a ligação dos cientistas da SBPC com os donos do poder, e o das mulheres do Grupo Lésbico-Feminista sobre os novos rumos que elas decidiram dar ao seu trabalho. Havia, ainda, textos do Beijo Livre, da Fração Gay da Convergência Socialista, (de novo) do Grupo Gay da Bahia, do Grupo de Atuação Homossexual (Recife), do Libertos (Guarulhos), do Outra Coisa, e do Terceiro Ato (Belo Horizonte).

Esperamos que essa explicação baste para que não haja queixas do tipo feito pelo Beijo Livre, para quem LAMPIÃO não lhe estaria dando a devida importância, ou acusações (neste caso, feitas especificamente a mim) de que nossa neutralidade, no rompimento entre os grupos Outra Coisa e Fração Gay da Convergência, seria uma neutralidade "a favor" deste último.

Sabemos que será sempre difícil atingir, neste campo, um equilíbrio; além de nosso critério ser apenas mais um critério (embora aquele que achamos ser o melhor para a existência e a continuação do jornal como uma coisa viva), há outros problemas: é muito difícil para nós, por exemplo, manter em dia a correspondência com os grupos, já que fazer o jornal nos toma todo o tempo. Assim, de vez em quando acontece que não respondemos com a devida presteza a uma consulta, ou não nos pronunciamos sobre um assunto que, do ponto de vista do grupo que o levantou, é de transcendental importância.

Assim, pediríamos aos grupos que levassem em conta, sempre que pensassem na posição deste jornal em relação a (todos) eles, o fato de que foi LAMPIÃO quem teve a idéia de reuni-los num encontro nacional. Um encontro que, se a curto prazo rendeu o choro e o ranger de dentes das deserções e dos rachas, a longo prazo funcionará como uma espécie de divisor de águas: a partir do I EBHO já não é possível brincar de ativismo, nem se pode levar a sério este ativismo sem se chegar a uma conclusão sobre que caminho ele deve seguir. E mais um pedido aos grupos: não deixem de nos mandar seus textos; eles têm um lugar da maior importância no arquivo da nossa Memória Guei. (Aguinaldo Silva)

Homossexuais invadem SBPC

"Homossexualismo, Repressão e Ciência," foi tema do Debate que os grupos SOMOS e AUÊ, do Rio de Janeiro, organizaram paralelamente aos trabalhos da 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para O Progresso da Ciência — SBPC, no último dia 10 de julho, no **hall** do nc noandar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ.

A idéia de se criar um espaço para a discussão e debate sobre a homossexualidade, de uma forma acadêmica e científica, surgiu a partir da realização do I EGHO quando, após uma série de discussões, ficou patente que a ciência, em quase todas as suas expressões, é uma das maiores responsáveis pela atual marginalização e opressão sofrida pelos homossexuais. Basta dar uma olhadela nas teorias aplicadas pelos antropólogos, sociólogos, psiquiatras, etc... A tomada de um espaço no seio da chamada comunidade científica, se faz necessária como sendo mais um canal de luta contra a discriminação, não que se considere a "verdade científica" como sendo absoluta, mas por entender que esta "verdade" encontra-se introjetada e respaldada na sociedade como um todo, servindo de ponte para uma série de atos repressivos e discriminatórios.

Devido a um certo imobilismo que pairou sobre os grupos após o Encontro de São Paulo, tornou-se impossível a realização de um trabalho dentro da programação da SBPC, como havia sido aprovado no Encontro, pois nada foi feito para que se desencadeasse este processo. De última hora os grupos do Rio, SOMOS e AUÊ, resgatam esta proposta resolvendo encampar um debate, visto que a SBPC se reuniria em seu espaço de atuação. Foi tentado através da Secretaria regional da entidade e do Departamento de Ciências Sociais da UERJ, a cessão de uma sala nas dependências da Universidade para que pudesse realizar o tão esperado debate. Tal pedido foi negado, sob a alegação de que havia um deficit de espaço e que outros pedidos mais importantes haviam sido, da mesma forma, negados.

Sem sentir-se derrotado, o pessoal decidiu pela tomada do espaço, literalmente. "Já estamos habituados a termos as portas fechadas para nós, e estamos habituados, também, a arrombá-las". Com o apoio do Centro Acadêmico de Ciências Humanas da UERJ, o SOMOS e AUÊ resolvem invadir o **hall** dos elevadores do 9º andar da UERJ, e desencadeiam uma convocação em massa com cartazes, faixas, panfletos e comunicados nos vários debates que estavam sendo realizados. O grupo de trabalho contou com a ajuda de várias pessoas de São Paulo, que já se encontravam no Rio à espera de ação

O DEBATE

Depois de todo um trabalho acelerado, chega finalmente o tão esperado dia. Desde cedo, no sanguão de entrada da UERJ, junto as várias banquinhas que vendiam desde jornais de organizações políticas clandestinas, até os não menos conhecidos posters de Che Guevara, se encontrava uma banquinha do Movimento Homossexual, que vendia além do **LAMPIÃO**, livros relacionados ao homossexualismo.

Por volta das 15h:30m, pouco mais de 600 pessoas lotavam o **hall** do 9º andar. Espalhadas pelo chão, em pé ou pendurada nas escadas e rampas do prédio, mostravam-se ansiosas para o início do debate. Neste instante é formada a mesa: João Carneiro (SOMOS/RJ); Zé Maria (AUÊ/RJ); Maria Alice (SOMOS/SP — representando os grupos de São Paulo) e Antônio Carlos Moreira (SOMOS/RJ — na coordenação dos trabalhos).

O primeiro a falar é João Carneiro, que fez uma breve exposição sobre os maiores agentes da repressão contra os homossexuais. Cita a Organização Mundial de Saúde, que em seu Código Internacional de Doenças classifica, através do nº 302.0, homossexualismo como doença mental; várias associações médicas e psiquiátricas, no Brasil, utilizam tal classificação. Segue Maria Alice que faz um breve relato sobre a atual situação de São Paulo, onde foi desencadeada uma onda de repressão às putas e aos homossexuais. O último a falar é Zé Maria, que fez uma exposição detalhada sobre a organização do Movimento Homossexual como resposta à repressão. Segundo Zé Maria, "ao tentar responder aos agentes de repressão, seja o Estado, a Igreja, a Família, a Lei, a Ciência (e é esta a razão principal do MH), os grupos procuram encaminhar suas lutas contra a formação e contínua reprodução, em vários níveis, do estigma. Neste sentido a tarefa principal do MH é detectar e denunciar as fontes da opressão desde a sua expressão mais social até a introjetada em cada indivíduo".

Várias questões importantes foram levantadas no decorrer do debate, sendo a mais polêmica a reprodução de papéis heterossexuais no relacionamento homossexual. Ficou claro que um dos maiores problemas enfrentados pelo MH, é o machismo exacerbado de certos homossexuais que além de aceitarem todos os padrões de dominação impostos pela sociedade, assumindo relacionamentos macho/fêmea, rechaçam qualquer proposta de luta contra a opressão e discriminação, achando que esta só levará a uma repressão ainda maior, acabando por assumirem um imobilismo alienante.

Um integrante do grupo negro André Rebouças acusou o MH de associar a luta do negro à sua, dizendo que não concordava com essa forma de cooperação. "A luta dos negros nada tem a ver com a luta dos homossexuais". "Os homossexuais discriminam os negros e depois querem pegá-los como bandeiras para reforçar sua luta". A Igreja faz o mesmo há 400 anos. "Neste momento formase um grande tumulto, vários papos paralelos surgem, ficando a mesa bastante embananada.

Terminado o tumulto, Lygia, do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, faz a seguinte intervenção: "Quando se diz que os homossexuais discriminam os negros eu digo: Os homossexuais discriminam as mulheres; os negros discriminam as negras; os negros discriminam os homossexuais, etc... Eu acho que isso realmente é um dado novo. É isso que queremos dizer quando afirmamos que é necessário que cada grupo oprimido levante sua especialidade. É na união de todas essas lutas que é a luta contra todas as formas de opressão e exploração assumidas numa sociedade patriarcal, é realmente essa luta, e a nossa aliança em cima disso, que será o embrião de uma estratégia revolucionária alternativa, e não a estratégia revolucionária que criou um discurso dominante e que acabou se transformando num discurso opressor". **(Antônio Carlos Moreira)**

Leila Miccolis trepou na mesa e deu um tremendo pia

Na banca do Lampião, além do jornal, livros gueis.

A posição do GALF

Muita gente tem perguntado qual a posição do GRUPO DE AÇÃO LÉSBICA-FEMINISTA (G.A.L.F.) frente aos últimos acontecimentos de São Paulo. Após o racha, vários artigos polêmicos têm saído no Lampião, alguns carrregados de ressentimento e mágoa. Em vez das discordâncias, portanto, serem um fator positivo, já que uma luta libertária teria de comportar mil e um posicionamentos, as divergências enfraqueceram o movimento, tornando-o muito mais vulnerável do que já é.

A autonomia do GALF em relação ao SOMOS/SP era anterior à divisão do grupo. Foi então mera "coincidência histórica" ela ter acontecido no mesmo dia em que algumas pessoas saíram para fundar outro grupo.

De repente, essa situação gerou outra muito delicada para nós, já que não tínhamos a mínima intenção de nos chocar com nenhum dos lados. Não tínhamos e não temos. Não se trata de oportunismo demagógico, mas da reação natural por parte de quem achava salutar a coexistência e simultaneidade de várias correntes dentro de um só grupo, como elemento enriquecedor da prática de nossas discussões.

Não há nada de incoerente entre esse pensar e a nossa saída: não cabíamos no Somos enquanto mulheres, já que, como explicado anteriormente em nossa carta, temos que nos organizar separadamente para atender às nossas especificidades, o que não era absolutamente o caso das bichas. O que fizemos foi apenas tornar pública uma situação que já havia de fato: a nossa independência.

Isso não significa, porém, que estamos fora do movimento ou que agora sejamos apenas um grupo feminista. Ao efetuarmos um trabalho junto às feministas, estamos buscando atender à outra faceta prioritária de nosso movimento, uma vez que somos um grupo de mulheres. Buscamos, também, ampliar o universo de atuação dos grupos homossexuais, através deste novo espaço conquistado.

Em suma, trouxemos para o movimento homossexual o cunho revolucionário do movimento feminista — a busca de uma nova praxis, transformadora da realidade social. Queremos frisar que continuamos a ser um grupo lésbico e que o feminismo apenas nos acrescentou novas frentes de luta.

NÃO FECHAMOS PRA BALANÇO

Completamos um ano de vida duas semanas depois da separação com o Somos/SP; e olhando para trás nos defrontamos com a necessidade de uma avaliação crítica de nosso histórico. Enquanto estivemos ilhadas num grupo masculino, nossas tensões eram repartidas em função do inimigo comum: o machismo. Com nossa autonomia, concomitante ao crescimento do grupo, as diferenças entre nós se acirraram, já que passamos a nos preocupar com uma série de diferenças que antes não tínhamos nem condições de aprofundar.

Então, se por um lado a autonomia nos deu maior liberdade de atuação e profundidade, por outro, também, aumentou a responsabilidade de nos reconhecermos e de convivermos com uma série de divergências nunca afloradas, por falta, inclusive, de um espaço específico.

Redescobrimos a América ao perceber que vinte pessoas não podem falar ao mesmo tempo, e então dividimos as reuniões gerais de trabalhos em pequenos subgrupos de reflexão com no máximo quatro participantes, tentando, assim, garantir o espaço para que todas as mulheres se coloquem individualmente, a fim de criarmos um discurso coletivo.

Mantivemos — embora questionando e buscando alternativas — a estrutura anterior do Somos quanto ao reconhecimento; todas as pessoas novas que entram no grupo passam por este processo, que é basicamente a recuperação de uma auto-estima e auto-afirmação.

As outras frentes de atuação no GALF são as comissões de trabalho, criadas para atender aos interesses imediatos do grupo, tais como: a criação de um jornal lésbico-feminista ("Chana com Chana"), de um livro de poesias ("Homenagem a Safo"), o LF-ARTES (núcleo catalisador de atividades artísticas), etc.

No momento, nossa atenção está voltada para as mulheres que freqüentam lugares homossexuais (os guetos), a nível de conscientização, e estamos promovendo aos domingos, quinzenalmente, a partir das 16 h, na Boate Mistura Fina, projeção de filmes, apresentação de shows, jogo de "bingo", com prêmios que vão desde livros feministas até fitas de músicas compostas por mulheres lésbicas.

Outra instância de participação do GALF são os debates, congressos, passeatas, enfim, atividades externas cujo público não é necessariamente homossexual, mas onde tentamos atuar em conjunto com outros grupos estigmatizados.

Lembramos também que, com nossa saída do Somos/SP, trocamos de nome: em vez de Grupo de Atuação Lésbico-Feminista, somos agora Grupo de Ação Lésbica-Feminista (tudo no feminino)...

O DIFÍCIL EXERCÍCIO DA LIBERDADE

A conclusão vocês já perceberam. Lugares comuns à parte, a independência traz direitos e deveres. Há uma autonomia a ser vivenciada e uma mobilização a ser mantida. É ampliar e não bipartir.

Somos um todo em aprendizado, acumulando experiências em diversos níveis e negando vínculos que possam nos servir futuramente de pesos.

ENTREVISTA

Ninuccia Bianchi, depois da absolvição

Disseram cobras e lagartos dessa mulher. Mas agora chegou a vez dela falar.

NINUCCIA BIANCCHI. Brasileira, solteira, secretária, 29 anos, foi acusada da morte de Vânia, sua ex-companheira de anos atrás, e julgada pelo 4º Tribunal do Júri, no Rio. Nenhuma prova havia nos autos que justificasse sua indiciação, a não ser o fato da sua opção sexual, constatada com a descoberta de cartas amorosas entre as duas.

Baseando-se apenas nisso, a acusação tentou incriminá-la por homicídio. Mas, em 26 de junho de 1980, por cinco votos contra dois, ela foi inocentada; mais motivo para a imprensa demonstrar sua má-fé; "absolvido o amor entre mulheres"; — foi a manchete de um jornal carioca. Mas, embora possa haver apelação, Ninuccia está segura do veredito final.

Exteriormente, uma mulher alta, esguia, bonita, de poucas palavras; mas, em sua fala reservada, vocês vão notar uma enorme coragem, não sei se anterior ao processo ou nele adquirida, por ter enfrentado todas as humilhações que a grande imprensa deu ao seu caso; todas as deturpações a que foi condenada a ouvir por uma promotoria ávida apenas em devassar intimidades de sua vida particular, e não em esclarecer a verdade dos fatos.

Por isso, tivemos o cuidado de não machucá-la mais do que o necessário: embora fosse impossível deixar de tocar em assuntos dolorosos, tentamos ouvi-la como pessoa, como ser massacrado impiedosamente durante estes três anos em que durou o processo e até talvez por mais alguns, no caso de uma apelação.

Só que seu drama não termina com o feliz final jurídico: ela continua desempregada, com dificuldades em arranjar trabalho, porque, MESMO ABSOLVIDA, sua "fama de homossexual" continua a persegui-la. A estigmatização, agora, não é por um crime, mas, pior ainda, por um preconceito. (Quando virá a verdadeira absolvição social, de fato, de Ninuccia?).

Assim, esta entrevista é quase uma forma de apoiar quem, como ela, simboliza as vítimas da repressão institucionalizada exercida pelos tribunais e explorada pela imprensa, com o intuito de apoiarem o pseudomoralismo tradicional e alimentarem seus neuróticos mecanismos de consumo. (**Leila Míccolis**).

LEILA — **Ninuccia, se não doer muito, explica o que houve naquela noite fatídica: o que você fazia na hora da morte, se houve briga antes entre você e Vânia, como a imprensa divulgou, enfim, conta a sua versão dos fatos.**

NINUNCCIA — O fato da morte de Vânia foi um triste episódio, principalmente pelas circunstâncias que o cercaram. Ainda sinto os efeitos, mesmo porque Vânia carecia de afeto, pois tinha sido repudiada por toda a família, notadamente pelo pai, José Lins Batista, que sequer permitia a sua aproximação do lar. No dia do acidente, Vânia chegou muito nervosa, sem dizer o que se passava. Após permanecer por algum tempo, saiu novamente sem dizer onde ia, retornando após às onze horas, ainda mais excitada; procurei conversar, não adiantou, e a conselho de uma vizinha chamada Wilma Sampaio dei-lhe água açucarada, ajudei-a a despir-se, e em seguida, como ela já estivesse deitada no sofá da sala, onde dormia, fui para o meu quarto deitar-me, sendo acordada pelo síndico do prédio — Valentim da Silva Prado — que me informou ter a Vânia caído da janela da sala. Quanto à briga que teria havido antes do fato, não é verdade, nem durante toda a instrução do processo qualquer testemunha fez referência a tal fato.

LEILA — **Como é que, de suicídio, o delegado José Guedes passou a encarar como suspeita a morte de Vânia?**

NINUCCIA — Na verdade, a morte de Vânia nunca foi considerada como "suspeita" pela polícia. O que ocorreu foi que o delegado da 32ª DP remeteu os autos à Justiça, e ali o Juiz, por iniciativa do Promotor, determinou que o inquérito tivesse prosseguimento normal, sendo eu indiciada. Acredito que este fato tenha tido relação com as cartas que eu e Vânia escrevíamos uma para a outra.

LEILA — **E já que falamos nas cartas, qual foi a sua reação ao ver sua correspondência íntima devassada publicamente e de forma mais torpe?**

NINUCCIA — A publicação das cartas que ambas escrevemos provocou em mim uma reação natural de revolta pelo desrespeito para com a memória de Vânia, e, sobretudo, pela absoluta desvinculação com sua morte.

LEILA — **Como era a vida de vocês duas?**

NINUCCIA — Vânia foi acolhida em minha casa por duas vezes em períodos distintos, e em ambos, apenas por piedade, (sendo que da primeira vez surgiu um estreitamento mais íntimo de nossas relações). Nesta época, também habitou em meu apartamento sua irmã, Vilma, que há muito morava fora de casa. No segundo período, apenas Vânia ficou lá, sem que tivesse prosseguimento o relacionamento íntimo anterior.

LEILA — **Na sua opinião, o que levou Vânia a cometer o suicídio?**

NINUCCIA — A gravidez adiantada, o desemprego, a crise financeira que atravessava deram motivo ao meu segundo acolhimento, que terminou da forma trágica que vocês sabem.

LEILA — **Como era o gênio de Vânia: alegre, triste?**

NINUCCIA — Vânia possuía uma personalidade marcante, sendo exteriormente triste, considerando, principalmente, a repulsa que lhe votava toda a sua família, a começar pelo pai.

DOLORES — **Como você explicaria a possível mudança do comportamento dos irmãos de Vânia no Tribunal, visto que antes do acidente eles freqüentavam sua casa?**

NINUCCIA — A família de Vânia, evidentemente, procurou minimizar a culpa que lhes cabia na morte dela, atribuindo a mim toda a parcela de responsabilidade. Mas este fato ficou patente durante o julgamento.

DOLORES — **Qual era o seu relacionamento com Vânia quando a morte aconteceu?**

NINUCCIA — Na época da morte de Vânia, como já disse, o meu relacionamento com ela era restrito ao apoio que lhe dava, comovida pelo seu estado de abandono e desespero.

LEILA — **Como é o banco dos réus para quem é inocente?**

NINUCCIA — O banco dos réus é uma experiência amarga, não só para inocentes, como para culpados, pois ali começa a expiação, ante o público, de um fato muitas vezes não praticado por quem nele se senta.

LEILA — **Qual foi sua reação ao ser indiciada como ré?**

NINUCCIA — A reação de toda pessoa que sabe ser injustiçada. Mas, antes disto, o desnudamento cruel da minha privacidade tornou-me profundamente triste; mas, por outro lado, deu-me o alento que eu precisava para lutar por provar minha inocência.

LEILA — **Como você encarou o enorme público que lotou o seu julgamento?**

NINUCCIA — Em parte pelo interesse jurídico, pois a maioria era de estudantes de direito ou advogados, e em parte pelo interesse motivado pelo extenso e sensacionalista noticiário dos jornais, e de suas manchetes.

LEILA — **Então vamos falar exatamente sobre isso: sobre o sensacionalismo dos jornais. Como você sentiu e vê a deturpação dos fatos feita por uma imprensa que se arvora em "informar" o público, e, sob este lema, apenas focaliza o aspecto mais lucrativo para ela?**

NINUCCIA — Acredito que sendo um fato incomum, e pela circunstância de ter sido levado aos tribunais, deu motivo à exploração jornalística, aliado ao fato de ter sido o advogado assistente da acusação antigo jornalista, e intimamente relacionado com o meio, tendo ele aproveitado a publicação das matérias para projetar o seu próprio nome.

LEILA — **Você já conhecia o Lampião? Leu o artigo publicado em junho de 1979 em sua defesa?**

NINUCCIA — Conheci Lampião, justamente, quando publicou a reportagem, em junho do ano passado, sobre o meu caso, e que foi a que mais se aproximou da realidade do processo, ficando agradecida pelos termos moderados da mesma.

DOLORES — **Mesmo sendo para o Lampião, você tão acostumada a ver os fatos deturpados, não sentiu nenhum problema em dar a entrevista?**

NINUCCIA — Não, pois acredito, ou melhor, continuo acreditando na sinceridade das pessoas e no propósito de trazer à luz a verdade deste processo.

LEILA — **Algum jornal ouviu você como pessoa e não apenas como uma notícia, ou seja, como "ré" ou mesmo como "absolvida"?**

NINUCCIA — Não fui ouvida, até o momento, por nenhum órgão informativo.

DOLORES — **Por que, até agora, você não deu nenhuma entrevista a jornais?**

NINUCCIA — A conselho dos meus advogados.

DOLORES — **Como foi, desde o início, a sua relação com o seu advogado?**

NINUCCIA — O meu advogado é um velho amigo, por quem tenho o mais profundo respeito e admiração, tendo cuidado do caso desde o primeiro dia, com dedicação incomum e competência reconhecida, que culminou com o resultado feliz do mau processo.

LEILA — Você acreditava na absolvição, com **toda a imprensa sensacionalista manipulando a opinião pública, pressionando, e, portanto tentando influir, indiretamente, no júri?**

NINUCCIA — Desde o início deste caso que acreditei na absolvição, não só por ser inocente, como pelo apoio, pelo estímulo e pela segurança que sempre me infundiu meu advogado, Dr. Gloriano Muller.

LEILA — Como você encara uma possível **apelação? Acha possível a reformulação da sentença contra você?**

NINUCCIA — Encaro com a mesma tranqüilidade com que esperei o julgamento, e com a mesma certeza, caso isso ocorra, de um resultado semelhante.

LEILA — **O que é que você achou deste processo, como um todo?**

NINUCCIA — O processo, a meu ver, teve a finalidade única de justificar a necessidade da polícia em apresentar uma estatística positiva, e teve continuidade em juízo pela promoção inusitada da raridade do fato levado a apreciação do Júri. Mas, desde o início do processo, toda a prova conduzia à certeza da absolvição, pela inexistência de qualquer fato que comprovasse a autoria que me era atribuída. E isto ficou comprovado por ocasião do julgamento a que fui submetida.

LEILA — **O processo atrapalhou sua vida de alguma maneira?**

ENTREVISTA

NINUCCIA — Com relação à vida profissional, sim.

LEILA — **Você era secretária antes da morte de Vânia, não é? E agora, você está tendo alguma dificuldade em arranjar emprego?**

NINUCCIA — A repercussão ampla que teve o processo, e evidentemente, num país como o nosso, onde impera ainda uma forte dose de preconceito, não poderia deixar de influir na minha vida profissional, causando sérios problemas.

LEILA — **Você recebeu muito gesto de solidariedade?**

NINUCCIA — Tenho recebido, tanto da parte de pessoas que conheço como de desconhecidas, as mais autênticas provas de solidariedade e fraternidade humana.

LEILA — **E seus familiares?**

NINUCCIA — Da parte de minha mãe, de meus parentes e de meus amigos, não houve nenhuma alteração, pois sempre tive e recebi deles as mais calorosas demonstrações de carinho, afeto e compreensão, não tendo faltado qualquer tipo de apoio.

LEILA — **Você era discriminada, antes do processo, por sua família, devido à sua opção sexual?**

NINUCCIA — Na verdade, não havia, como não há, discriminação por parte de minha família com relação a minha opção sexual.

LEILA — **Você tem irmãos? Mora com a família?**

NINUCCIA — Sou filha única e há muito tempo que resido só, por iniciativa própria, trabalhando e provendo meu sustento pessoal.

LEILA — **Como sua família encarou a tragédia?**

NINUCCIA — Com a surpresa e naturalidade possíveis, em caso de suicídio.

LEILA — **Você se modificou depois do processo?**

NINUCCIA — Não, no que diz respeito à minha conduta pessoal.

LEILA — **E no amor: você acha que esta tragédia influiu negativamente em sua sensibilidade amorosa?**

NINUCCIA — Evidentemente que a sensibilidade, não só minha, mas de qualquer pessoa seria abalada com a extensão dessa tragédia. Mas tenho procurado superar os resíduos que ficaram, voltando a ser uma pessoa alegre, comunicativa e feliz, que sempre fui.

LEILA — **Como você se definiria, quais são os seus hábitos, o que você mais gosta de fazer?**

NINUCCIA — Como falei, sempre fui uma pessoa alegre, comunicativa e feliz, e como toda pessoa que possui estes atributos, aliados à juventude, gosto de música, praia, boate, cinema e todas as diversões próprias.

LEILA — **O processo limitou sua circulação em lugares "gays"?**

NINUCCIA — Na verdade, todo o meu tempo é dedicado quase que exclusivamente ao trabalho e contatos com meus parentes e pessoas amigas, que compõem um círculo restrito.

LEILA — **Já que você teve ligações tão fortes com o amor e a morte, eu queria saber mais como você encarava e encara os dois. Houve alguma diferença? Quer dizer: exatamente, o que a morte de Vânia representou pra você em termos pessoais?**

NINUCCIA — A morte de Vânia deixou o resíduo de um processo rumoroso e uma amarga recordação que pretendo esquecer. Contudo, ficou também dela a lembrança de uma menina infeliz, a quem sua própria família conduziu ao suicídio.

LEILA — **Você gosta da vida?**

MINUCCIA — Amo a vida e tudo o que ela me dá; recebendo com humildade tudo o que é provação.

LEILA — **Na sua opinião, em que medida o seu homossexualismo pesou no processo?**

NINUCCIA — De modo geral, o homossexualismo ainda causa certo impacto, e neste caso em particular, dada a ampla divulgação, não poderia deixar de exercer uma forte influência, mais em juízo do que na fase policial, haja vista os termos em que foi vazada a denúncia.

LEILA — **Como você vê a criação de grupos organizados, que possam futuramente dar um apoio mais incisivo, inclusive jurídico, aos homossexuais acusados só por sua opção sexual?**

NINUCCIA — A minha opção sexual é um ato isolado, não tendo me engajado em qualquer movimento desta natureza. Acredito, porém, que a defesa de homossexuais deve ser vista em relação a cada caso que se apresente.

LEILA — **Você tem planos futuros? Quais?**

NINUCCIA — Para o futuro tenho planos de uma vida feliz, buscando esquecer todos os momentos difíceis por que passei, e com muito trabalho pela frente.

LEILA — **Dizem que em todo fato há um lado positivo. Houve algum, no seu caso, alguma lição boa a ser tirada de toda esta tragédia?**

NINUCCIA — Com esta tragédia fiquei conhecendo melhor o lado bom e também o lado mau das pessoas. O lado responsável e o inconseqüente, a amizade e o lado adverso. Fiquei mais vivida. Aprendi que o sentimentalismo pode ser prejudicial à pessoa, em grau elevado, quando não está conjugado com a razão.

Aguarde:
"Histórias de Amor"

Livros novos na Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

A LONGA ESPERA DO PASSADO
Gore Vidal
206 páginas, Cr$ 230,00
"The City and the Pillar", um clássico da literatura norte-americana; o primeiro romance a abordar abertamente o tema da homossexualidade naquele país. Uma história de amor entre dois homens que atravessam as incompreensões e aos anos. "um livro emocionante, que comoverá a todos os seus leitores", disse o New York Herald Tribune. Do mesmo autor de "Myra Beckirindge"

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 210,00
Um livro pedagógico, escrito por dois especialistas franceses para substituir nas bancas e livrarias as obras análogas eróticas, sensacionalistas, comerciais, etc... Um livro escrito com o intuito de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar a homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão-somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

PIAZZAS
Roberto Piva
56 páginas, Cr$ 150,00
Do mesmo autor de "Coxas", um livro de poemas que vale como uma "introdução à orgia", segundo o seu prefacionador, Cláudio Willer. Piva reafirma, aqui, sua condição de poeta da marginalidade, colocando-se ao lado de outras "flores do mal" — de Baudelaire e Ginsberg, de Sade a Genet.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00
Um livro rabelesiano, sem igual no Brasil, na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

INTERNATO
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 220,00
A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil. Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. **Internato** é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata intelligentsia nacional da época.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 150,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e muito **non sense** no novo livro do autor de **A Meta** e **Crescilda e Espartanos.**

A META
Darcy Penteado
99 páginas, Cr$ 40,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito "(Léo Gílson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também uma ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas, Cr$ 170,00
"Como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 150,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome assumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

MULHERES DA VIDA
vários autores
77 páginas, Cr$ 120,00
Norma Benguell, Leila Mícolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a pressão machista e tenta inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 140,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 150,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história recontada a partir de 1968 faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 180,00
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!). A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

COMPANHEIRO
Walker Luna
100 páginas, Cr$ 150,00
"Não é bem este tipo de amor que atinge a tantos". Publicado em 1979, o livro de poemas de Walker Luna traduz sua vocação de poeta confessional, que tem o poder de dizer o que apenas se advinha e de advinhar o que não se ousa dizer como homem e como amante.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 180,00
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega e Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o grupo SOMOS/SP.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 130,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 180,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA
Oscar Wilde
194 páginas, Cr$ 100,00
O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de homossexualismo. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO nº 1.

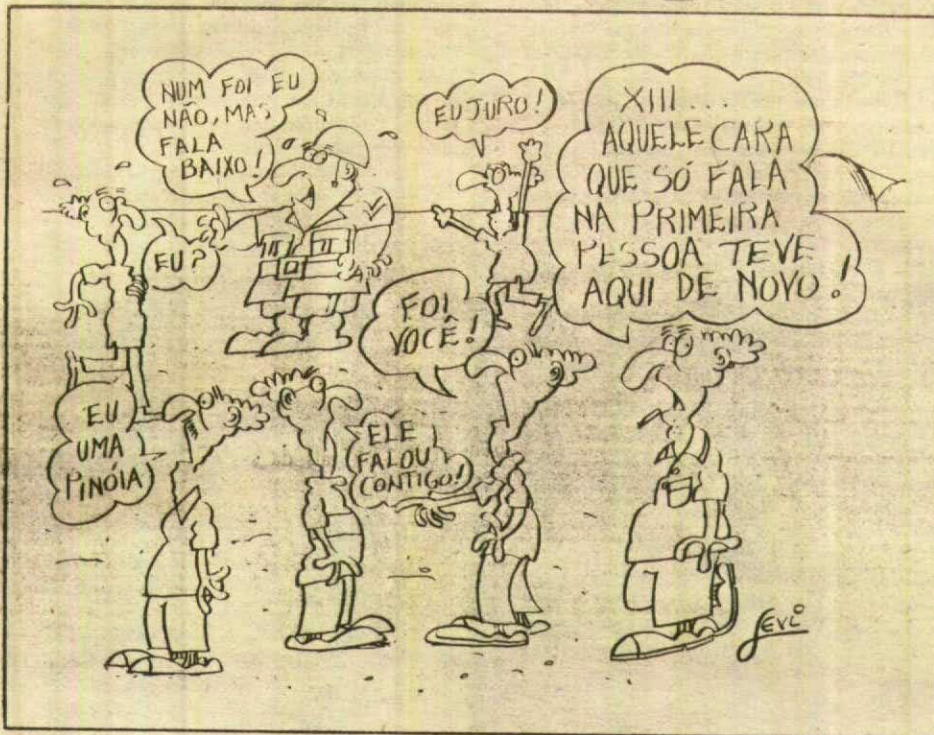
ENSAIO

Mais tesão, menos politicagem

Devo ter sido um dos poucos brasileiros que não viu o Papa pela televisão durante sua "visita evangélica" ao país, pela simples razão de eu não ter aparelho de TV. Mas pelo que me disseram e pelo que li nos jornais o santo homem arrebatou as multidões. Todas as camadas sociais, todas as idades, todos os sexos me deram exemplos da emoção que o chamado Vigário de Cristo despertou no Brasil.

Mais de uma mulher me disse que João Paulo era um verdadeiro "bebê Johnson", de tão saudável e corado; e depois, aquele sorriso... Os homens, para disfarçar a emoção, chamaram-no de "atleta", "agressivo" e as bichas, não podendo ficar atrás em matéria de sexismo (só que elas praticam um sexismo muito mais objetivo, menos hipócrita), disseram-me: "Que coisa! Ele não tem aquela voz de castrato da maioria do clero." Observação mais sibilina só mesmo a de Roger Peyrefitte, o chamado "papa da intriga e da malícia", que afirma serem homossexuais cerca de 90 por cento do clero, sendo que a taxa mais alta encontra-se entre os príncipes da Igreja.

Por falar nisso — (e dá-lhe malícia, mas é uma história que vem confirmar as teses alucinadas de Peyrefitte)... quando estive em Roma, um amigo que sabe das coisas perguntou-me se eu queria ver um dos ambientes mais homossexuais da Cidade Eterna. Claro que esfreguei as mãos de contentamento. Ele então me convidou para almoçar num restaurante sofisticadíssimo e caro, quase ao lado da Praça de São Pedro. A mesa foi marcada com antecedência e ficamos perto da porta, podendo ver todos os que entravam e saíam. Pois bem, meus amigos, o que eu vi foi uma loucura, ou melhor, um delicioso desfilar de praticamente toda a cúria romana ou (pelo menos de gente vestida com toda a pompa dos cardeais, nas suas cores púrpuras que roçavam constantemente e faziam eu me sentir como se estivesse numa espécie de sacristia sacrílega, onde o perfume dos condimentos substituía o do incenso) acompanhada de jovens latagões à paisana que pareciam ter saído do coro de uma ópera de Wagner. "Esses jovens são oficialmente os secretários particulares de suas eminências, mas na verdade pertencem à Guarda Suíça do Vaticano", explicou-me o amigo italiano, deliciado ao me ver quase engasgado com suas observações. "Você pensou que era um filme de Fellini ou aquelas brincadeiras da Sofia Loren vestida de cardeal? Aqui não é o Rio, boneca, onde o carnaval dura o ano inteiro." Calei-me, para não brigar, pois eu já tinhá notado em seu tom agressivo e desafiante que em Roma, tanto ou mais que no Rio (que ele conhece e adora) as coisas podem ser bem promiscuas.

Mas voltemos à visita do Papa. Dizem que ele é um grande ator e que cada gesto, silêncio ou pausa são cronometrados cuidadosamente. (Esta semana fui ver um filme intressantíssimo, "O último casal casado", e no jornal nacional tive oportunidade de assistir a chegada de Wojtila ao Brasil. O gesto e o que ele dizia pedindo que se afastassem do chão que ele ia beijar eram de pura impaciência, daqueles que estão exaustos de repetir um ato mecânico.) Li no "Time" que um computador norte-americano já tinha apontado, antes da eleição, claro, o cardeal de Cracóvia como o papa a ser eleito pelo último concílio. Quer dizer, ele tinha todas as qualidades não só de homem autoritário, acostumado a mandar num rebanho que entre o comunismo e a Igreja prefere entregar-se a esta, como de histriônico de 'alto gabarito, não para preencher um mandato tampão, como João XXIII e João Paulo I, mas para ser o porta-voz do mundo ocidental, espiritualmente, sim (como eufemismo), mas em primeiro lugar materialmente. Isso ficou perfeitamente comprovado nas suas homilias para diversos tipos de reuniões. Ele não foi contra nem a favor de nada, muito pelo contrário.

É o papa vaselina (obrigado a Reginaldo pelo copyraite), o papa mineiro, mais do que o Tancredo Neves, que fala em direito da terra sem explicar quem detém esse direito e que diz aos pobres que devem permanecer pobres porque o tempo deles ainda não chegou. O papa esportivo. Sei. Só que permitiu que montassem à sua volta um aparelho repressivo vergonhoso e aceitou que um país pobre e em péssima situação financeira criasse um esquema milionário para a sua visita. Com isso ele tornou realidade as palavras de Baudalaire: "Dieu est un scandale __ mais c'est un scandale qui rapporte". Deus é um escândalo que rende juros. E isso é verdade, gente, eu vi, eu vi! Uma amiga minha, mãe solteira, puta da vida porque não tem como dar um jeito na sua vida, queria ir se jogar aos pés do papa na sua passagem pelo Rio. Uma bicha amiga que encontrei no último domingo, mal pôde falar comigo, ia correndo com o caso para a missa das 10 horas. "Mas desde quando você é religiosa de ir à missa, bicha?", ainda, tive tempo de perguntar. Resposta: "Desde que o papa nos visitou, claro". Tá certo isso? Como diz o autor de "Monsignor" (uma biografia romanceada de Marcinkus), é assim que a Igreja enche seus cofres quando eles estão vazios. Óbulos, óbulos, como na Idade Média, pessoal! E, afinal, somos ou não somos o maior país católico do mundo?

Vejam a diferença de tratamento. Entre nós ele pediu calma e que fôssemos devagar com o andor; nos Estados Unidos falou contra as questões mais em evidência da década, como feminismo e homossexualismo. Um dos maiores defeitos da Igreja é dar palpite sobre tudo, do espiritual ao secular. Qualquer padreco, desses que ainda se mijam de medo na batina quando vêem um superior, deitam falação ao leigo sobre não importa que problema. É um vício que vem também da Idade Média. Agora mesmo, na edição de julho de "Status", o nosso "avançado" Frei Betto (por que dois tês, meu Deus?) falou sobre homossexualismo, feminismo, aborto, tudo. Disse que Gabeira em vez de ter voltado pra Ipanema devia ter ido pro Xingu, ver a condição dos índios. Agora eu pergunto ao Frei Betto (sem ter qualquer procuração de Gabeira, claro) por que ele não foi trabalhar no interior, em vez de ficar meditando e transando com o Lula, o PT deles em São Paulo, Vitória ou Porto Alegre. Com que direito ainda, pergunto eu, ele é contra o aborto e o divórcio se não pode fazer nenhum dos dois? E o homossexualismo, esse vício urbano... e as bichinhas que vêm do interior? E olhem que o Frei Betto é considerado membro da chamada Igreja Progressista. Imaginem quando o D. Scherer resolver dar entrevista para uma revista de mulher nua, o que não dirá.

É essa posição hipócrita da Igreja em bloco, seja ela progressista ou conservadora, em relação às questões cruciais desta década que me deixam completamente reticente quanto a qualquer espécie de entendimento das minorias discriminadas em luta — sejam elas as feministas, os negros ou os homossexuais — com o Establishment (governos, igrejas e mesmo as SBPC da vida). Vocês já devem ter lido aqui mesmo o que aconteceu com um seminarista homossexual que ousou entregar na catedral de Brasília uma carta de defesa do homossexualismo ao Mosenhor Marcinkus. A bichinha parece que recebeu apenas uma cotovelada, mas no primeiro momento me telefonaram de Brasília dizendo que ela tinha levado tabefes do Monsenhor na frente de Wotjila e do Núncio Apostólico, que também recebeu uma cópia da tal carta do insistente seminarista. O documento, produzido pelo Beijo Livre (grupo homossexual de Brasília), está dentro de um plano, que eu não consigo aceitar, de tentativa dos homossexuais de se inserirem no contexto social, de se tornarem parte do Establishment como bonecas. Não nos aceitarão nunca como tais, queridinhas, tirem isso da cabeça de vento de vocês. O homossexualismo é tão herético e tão subversivo que jamais poderá funcionar dentro de uma sociedade que não for verdadeiramente revolucionária, isto é, que não partir do homem em si, aceitando-o como ele é, e não do arquétipo de homem que mais interessa a essa determinada sociedade.

Aconteceram tantas coisas em julho... O encontro da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC) realizou-se este ano no Rio. Um mês antes da reunião uma jornalista encarregada da divulgação do evento telefonou pro LAMPIÃO pedindo cobertura. Achei ótimo, com a fama de liberal que a SBPC tem. Mas perguntei se havia programada alguma coisa sobre mulheres, negros ou homossexuais e a moça me disse que não, que a delegação do Rio só havia um ou dois debates sobre mulher, organizado por gente do Museu Histórico Nacional. Mas e os negros, nada? Os homossexuais, nada? "Nada, mas se eles quiserem podem marcar debates e mesas-redondas nos espaços livres da UERJ." Cheirei no ar o perfume adocicado do paternalismo, mas me fechei. Depois disso essa moça só entrou em contato comigo (ou com o LAMPIÃO) mais uma vez: para dar uma informação errada sobre o local em que José Goldenberg daria uma entrevista à imprensa.

O paternalismo se materializou certamente durante o encontro. Os negros acho que nem apareceram por lá, e os homossexuais foram dar vexame num saguão, cedido com o maior desdém pelos promotores do encontro (e as bichas dizem que "invadiram" o congresso da SBPC!) para que os representantes de alguns grupos homossexuais usassem mais uma vez de seus jargões mais batidos do que os do Partido Comunista. Esse tipo de autocrítica, porém, o movimento homossexual brasileiro, ainda tão jovem mas já tão velho, não pensa em fazer essa reciclagem do discurso e mesmo do comportamento de certos ativistas não está na pauta das reuniões. O que o pessoal quer é entrar mesmo para o PT e colher as migalhas de poder que lhes forem lançadas.

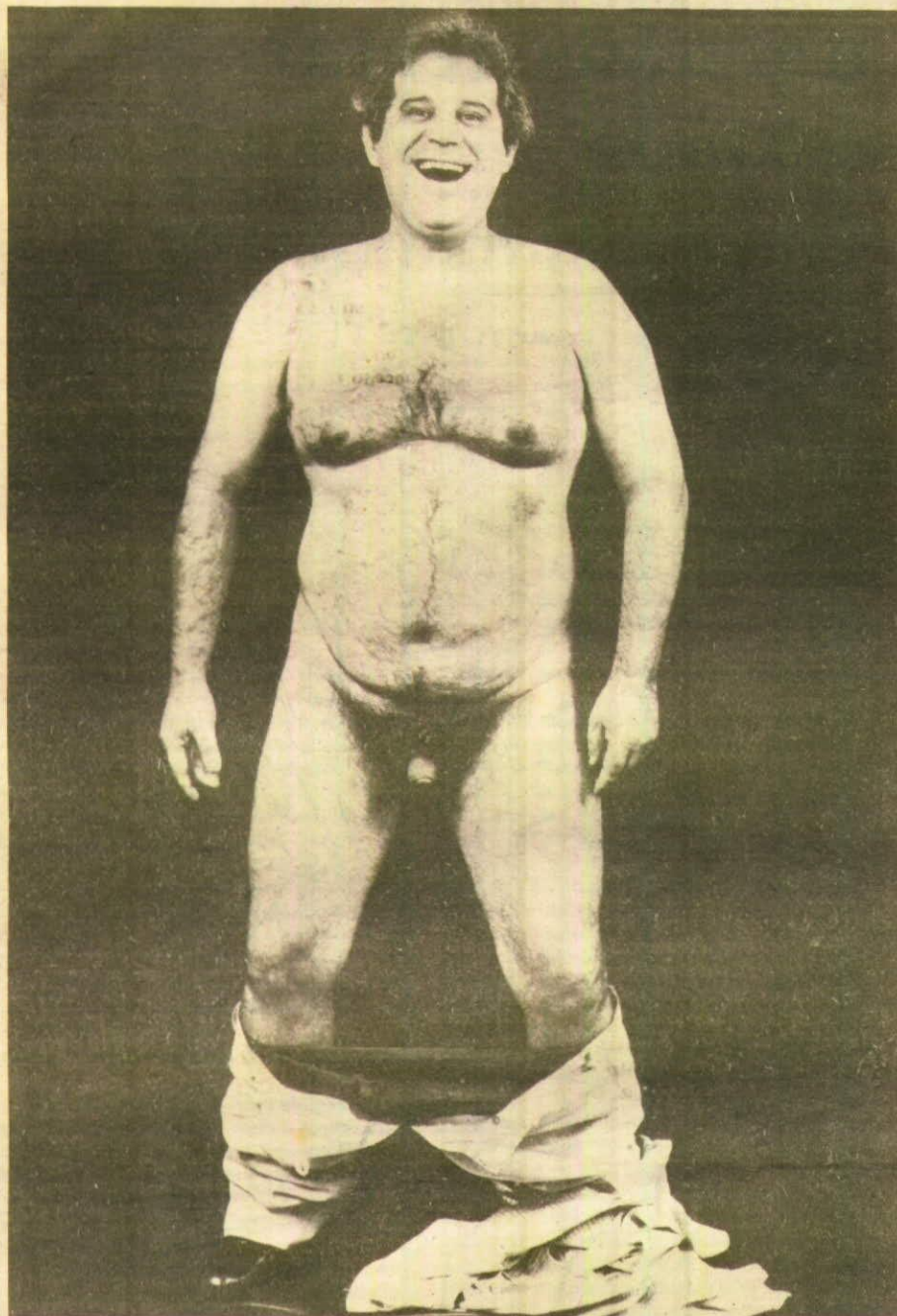
Isso, aliás, já se reflete claramente em certas seções do LAMPIÃO, jornal que surgiu para subverter e trazer à tona o sal da terra. Vejam vocês, por exemplo, Troca-Troca, leiam com atenção tudo o que está escrito ali. Por baixo do adulcoramento da terminologia — "jovem," "bonito", "23 anos", "universitário", só falta mesmo o "branco" — se trata na verdade de formar um conceito eugênico de gueto que é muito pior do que o de elitismo cultural. Da mesma forma, na seção "Cartas na Mesa" foi-se formando aos poucos um clima paternal, de passar a mão na cabeça, que nada tem a ver com os editores do jornal e que surgiu, pode-se dizer, apesar deles. É o mundo sufocante demais para um ser estigmatizado — que leva talvez — todos nós a cair nas mesmas armadilhas.

Por outro lado, alguns colaboradores trouxeram para as páginas de LAMPIÃO um discurso ou uma terminologia que está dentro da filosofia do jornal, mas que vem sendo usado de maneira tão adolescente e antiga que parece mais apenas para "épater les bourgeois". Palavras como sapatona e viado estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativas, mas de duas faces, e de um acento machista que lembra muito o "Pasquim". Seremos incorrigíveis? Não acredito; prefiro antes pensar que o movimento homossexual brasileiro está cheio de elementos que ainda não estão maduros para uma verdadeira militância (que deve ser feita muito mais a nível de experiência de campo e não com a formação de grupelhos(, isto é, que precisam seguir o lema "mais tesão e menos politicagem" de um dos editores de LAMPIÃO. E tudo isso, na verdade, se reflete de maneira negativa no jornal.

O movimento homossexual brasileiro não deve se iniciar por onde os de outros países começaram a ser desintegrar. Aqui, devemos partir do nada, pois as coisas não só acontecem diferentemente, como nos falta experiência para uma organização "politizada". É preciso iniciar o beabá da fraternidade, aprender que a promiscuidade entre homossexuais não chega a ser algo maisão, ao contrário do que nos ensinaram os moralistas judeus e cristãos. E na promiscuidade de que — falo não vejo qualquer elemento nocivo ao defenir de uma sociedade justa. Será uma promiscuidade revolucionária, como a luz no fundo do túnel de que falam os céticos ainda não de todo renitentes. E precisamos ter raiva, também. Raiva de uma sociedade que é injusta por todos os lados. E amor. Esse amor que aspiramos, mas que ainda não conseguimos realizar, que tem de chegar um dia a unir todos os movimentos ditos minoritários e estigmatizados. Por enquanto nós somos réprobos e não devemos nos envergonhar disso disfarçando nosso discurso com palavras de impacto.

O que cria, afinal, o "marginal sexual," como o chama John Rechy em "The Sexual Outlaw"? "A raiva," responde. E continua o autor de "Cidade da Noite": "Ninguém mais facilmente oprimido —mesmo os chamados liberais condenam essa opressão —. É a única minoria que tem leis contra sua existência. Rotulado como sedutor de parceiros forçados, o homossexual sabe que a dita violação homossexual é a violação de homossexuais por heterossexuais. Marcado como violentador de menores, ele sabe que a violentação praticada por heterossexuais vai muito mais além da homossexual. E ele sabe que aquilo que os delegados de política proclamam como "os cada vez mais violentos crimes homossexuais" são os crimes praticados por heterossexuais que odeiam homossexuais".

Acho que este trecho do livro-documentário de Rechy calha assustadoramente com o momento atual brasileiro e com ele encerro estas notas para que o meu leitor possa meditar sobre o que é mais importante para nós: ver a verdade de frente, sem os espelhos que os homossexuais tendem criar para neles se verem refletidos, ou seguir por esse caminho tortuoso da politicagem, que certamente levará todos nós a um beco sem saída.
(Francisco Bittencourt)

Finalmente: o nu frontal!

Antônio Maschio

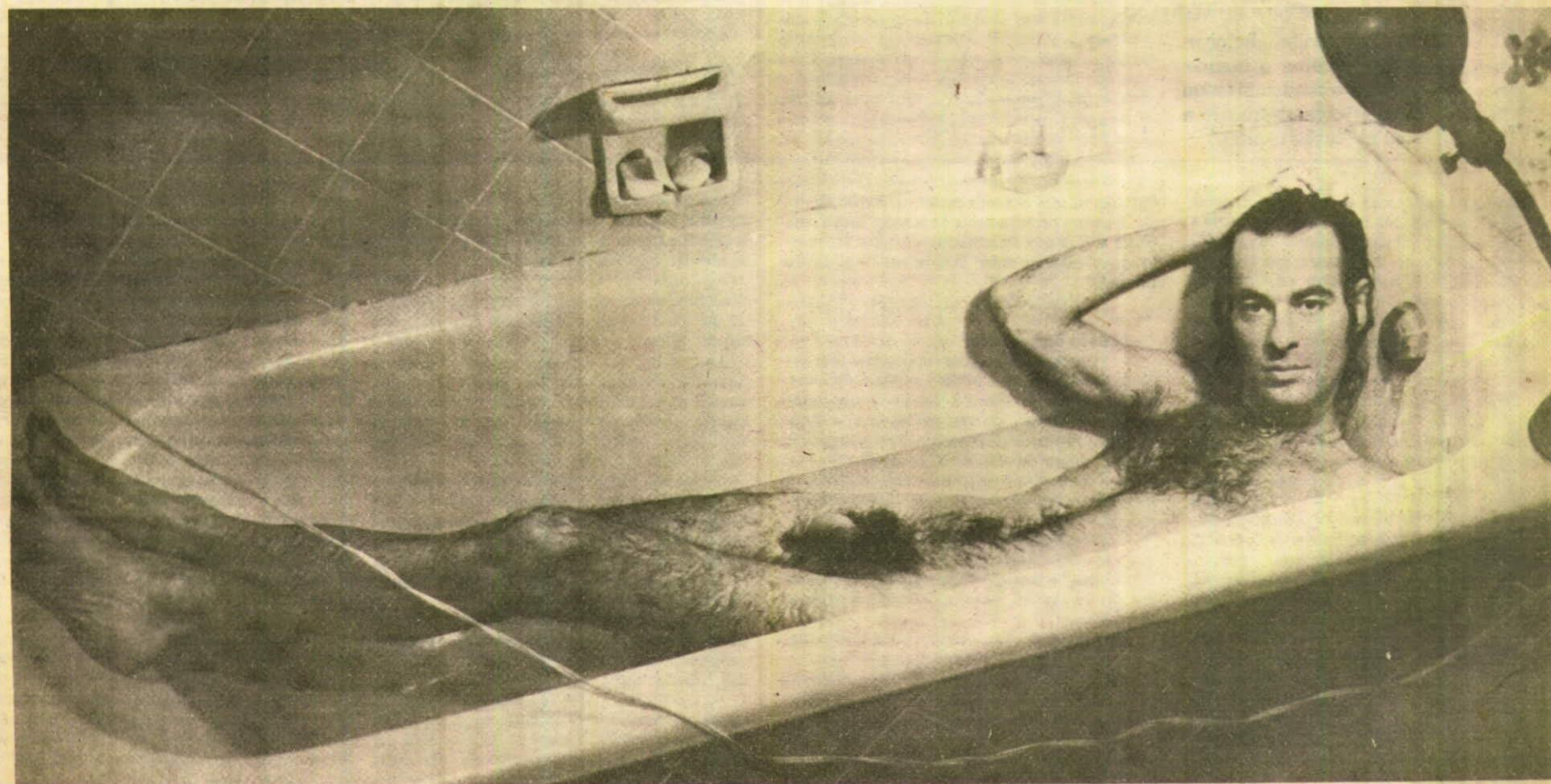
A nudez é o homem em seu estágio ecológico mais perfeito. Nas civilizações primitivas o ser humano não escondia a nudez, ao contrário, exaltava-a, principalmente os órgãos sexuais, por serem os elementos geradores da continuação da espécie. Sendo o judaismo uma religião que proibia os prazeres do corpo em benefício da alma no post-morten, criou para si e transmitiu-o ao seu filho, o cristianismo, uma série de imposições repressivas denominadas **pecados**. Porém, desde muito antes o erotismo já existia, certamente nasceu com o ser humano, mas acontecia nele como um atributo normal à sua natureza. Com o Judaico-Cristianismo, porém, o que era natural passou a ser inatural porque proibido e vice-versa. Da mesma maneira o traje, que antes era apenas para uma proteção contra as intempéries, tornou-se obrigatório, não só para esconder as partes sexuais, como para escamotear as demonstrações naturais da sexualidade. Estava assim criada e regulamentada a moral sócio-politico-religiosa que perdura até hoje.

O tabu da nudez tem sido combatido em algumas épocas, de raro em raro. O caminho da desmitificação, que estamos tentando no mundo de hoje já não é mais o da exaltação pura do erotismo, que é sadia — mas o da permissividade, que conduz ao obsceno e ao pornográfico. Essa permissividade, sem ser libertação, é a mesma imagem moral da repressão, só que vista pelo lado reverso.

Existem, porém, os que tentam retomar os caminhos aparentemente perdidos de uma nudez saudável e bonita, pagã e sem complexos de culpa que, a meu ver é a trilha da verdadeira moral. Vânia Toledo é uma dessas pessoas, ao pesquisar o nu masculino neste livro de ensaios fotográficos. Qualidades: o bom gosto, mesmo nas fotos propositalmente para chocar os moralistas, como a do ator Antônio Maschio; além disso, bom conhecimento técnico e, principalmente, um erotismo que emana naturalmente do fotografado, dispensando virtuosismos ou posturas propositais. Defeitos: uma seleção um tanto arbitrária dos modelos, isto é, certa repetição de tipos e caráteres, num livro que pretendia e deveria ser mais abrangente. Se o título é "Homens" e a proposta é mostrá-los despidos, faltou, por exemplo, um homem do campo ou um metalúrgico (eles estão na pauta), um velho, fosse do campo ou da cidade, um politico ou um alto executivo, etc. etc.

As ausências serão compreensíveis se considerarmos as barreiras de uma moral preconceituosa, mas o bom artista tem que tentar superar essas conotações burguesas, contestando-as; outro defeito, talvez maior, é o da auto-repressão de alguns modelos que parecem ter posado de má vontade, apenas para não se negar à fotógrafa amiga. É o caso do Nuno Leal Maia, numa foto infelizmente comprometida. Dos nossos atores, talvez seja o Nuno aquele que possui corpo mais bem formado e belo, com a vantagem de que, após os 30 anos como é o seu caso, o corpo masculino ganha zonas de mistério e de erotismo que poucos jovens têm. Na foto, no entanto, Nuno está "amarrado" e constrangido, como um pecador abandonado com sua eterna culpa a um canto do inferno.

Danton Jardim

P.S.: "Homens" é uma edição da Livraria Editora Cultura. Tem 31 fotos de homens nus e custa Cr$ 2.000,00. Pedidos pelo reembolso postal para o Lampião, Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ.

Ney Matogrosso

Na última entrevista de Jean-Paul Sartre, um único tema: os homossexuais

"A sociedade heterossexual domina o homossexual e o conduz mais ou menos sorrateiramente a uma execução capital."

A brilhante publicação homossexual francesa "Gai Pied" fez com o filósofo Jean-Paul Sartre a última entrevista exclusiva do grande autor. É esse documento de suma importância que Lampião **passa agora aos seus leitores, com a devida licença dos companheiros de "Gai Pied". A tradução para o português foi feita por Francisco Bittencourt. Esta é a nota original que abre a entrevista:**

"Estamos contentes de poder publicar a entrevista que nos foi concedida por Jean-Paul Sartre a 28 de fevereiro passado. Enquanto Claude fazia esboços do homem ilustre (que festejava naquele mês seu 75º aniversário), Gilles e eu tentávamos com nossas perguntas elucidar um mistério. Sim, porque notávamos depois de muito tempo que havia um fio negro secreto no longo de sua obra romanesca, de suas peças teatrais e de seus estudos biográficos: a problemática homossexual. Ela está lá, serpenteante ou radiosa, como em "Saint Genet", que Sartre considera seu livro melhor acabado. Mas nada entretanto levara a crer na exegese de sua obra, que aliás já é enorme.

"Achamos que não nos enganamos: Sartre, como se verá abaixo, tinha muita coisa a dizer sobre o assunto. E ficou claro que ele estava com vontade de escapar de certas fórmulas, de certos comentários que já pretendem normalizar sua obra. Foi por isso que ele nos deu esta entrevista, sozinho e em casa. Entrevista, aliás, sem igual no gênero, porque pela primeira vez homossexuais o interrogaram sobre o homossexualismo. "Minha paixão é compreender os homens", diz ele. Estamos perfeitamente de acordo. Esta é uma pedra a mais que trazemos para o reconhecimento deste homem entre os homens.." (**Jean Le Bitoux**).

"Minha feminilidade"

— Certos personagens masculinos de sua obra, como Mathieu em "Os Caminhos da Liberdade", Roquetin em "A Náusea", não estão muito persuadidos de sua virilidade e se questionam sem cessar sobre as relações que mantêm com as mulheres e os homens. Por quê?

— Porque isso corresponde mais ou menos ao que eu sou, ao que eu me pergunto de mim mesmo.

— Poder-se-ia dizer, repetindo Flaubert com seu "Madame Bovary sou eu", que Roquetin de "A Náusea" e outros personagens de seus romances são de alguma maneira mulheres travestidas de homens?

— Não, seria exagerado chegar a esse ponto. Não, são homens que têm relações sexuais com mulheres, mas que não estão persuadidos de sua virilidade, que não pensam que ser viril é a seus olhos uma qualidade essencial.

— Nos seus estudos sobre Flaubert e Baudelaire o senhor insiste nas dificuldades deles para se situar sexualmente. O senhor chega a ver mesmo na letra de Flaubert ou no aspecto de dândi de um Baudelaire uma parte dolorosa de sua feminilidade. Essa feminilidade lhe parece importante, essencial mesmo, para compreendê-los? Sem essa parte de feminilidade teria existido um Baudelaire, um Flaubert, um Mallarmé?

— Mallarmé, em todo caso, tem uma feminilidade de um gênero diferente. Digamos antes que lhe falta absolutamente o machismo do homem. Quanto a Flaubert e a Baudalaire, é possível e mesmo muito provável que tenham tido experiências homossexuais. Isso parece certo em relação a Baudalaire, e durante longos anos Flaubert esteve apaixonado por seu amigo Maxime. Existiu portanto, qualquer coisa de feminino tanto num como no outro.

— No seu "Baudelaire" parece que o senhor afirma que o escritor adquire uma certa "feminilidade" porque ele não ganha a vida entre os homens. Será o ato de escrever antes de tudo um ato feminino?

— Não, não antes de tudo. Mas constato que ele se torna cada vez mais feminino.

— Será que o componente feminino do escritor (1) é o que o faz preferir a companhia das mulheres à dos homens, que o senhor declarou achar aborrecida?

— É possível, porque eu não gosto de falar da minha profissão, que aliás é apenas uma profissão. E gosto de falar de assuntos mais livres, mais gratuitos, talvez. É bem possível que essa seja uma certa maneira de feminilidade, que me faz preferir as mulheres, porque essa preferência, embora eu também goste das mulheres do ponto de vista erótico, não tem originalmente nada de sexual. É a preferência pela conversação das mulheres.

"Escrever É um Ato Solitário"

— O senhor vê em Genet uma só saída para o seu destino indecente, que aliás ele assume plenamente: escrever. Pode fazer um paralelo entre o escrever que salva Genet de sua condição e o seu escrever que, de acordo com "As Palavras", o teria salvado de sua infância?

— Não tinha pensado nisso. Digamos que o desenraizamento foi mais duro e mais benéfico para Genet; Genet, criança abandonada, entregue a camponeses e depois preso por roubo. Essa é verdadeiramente uma infância trágica para um menino sem pais e que tem de passar pela prisão. E no entanto ele gostava dos camponeses com quem morava, era bastante feliz. Mas, enfim, foi uma infância trágica. Eu não tive uma infância trágica. E me arranquei de fato da minha infância porque ela era demasiado cômoda, demasiado protegida. O ato de escrever é de uma grande solidão. Mas há, apesar de tudo, na maneira de escrever de um e de outro uma relação, ainda que o que foi escrito e as circunstâncias de que provêm sejam muito diferentes.

— Quando se é levado a escrever é porque se pressente um destino do qual tentamos nos desembaraçar? No momento em que se sente um perigo, começamos a escrever?

ENTREVISTA

— Talvez. Desde que cientes de que não se saiba qual é o perigo. Tenta-se fugir de alguma coisa, sem saber de que. É uma espécie de estado vago.

— Em "Saint Genet" o senhor disse que "escrever é um meio erótico". Com isso o senhor quis dizer que o ato de escrever está orientado pra a sedução, já que é também uma usina de fantasmas?

— Sim, escrever pode ser isso, pode estar relacionado com a sedução e com o lado erótico em geral daquele que escreve. É assim que é criado o aspecto erótico de gesto de escrever.

— O senhor também se interessou por obras nas quais notou bem cedo "o poder negro e mágico": Flaubert, Sade, Mallarmé e em último lugar Genet. Por que tal interesse, quando em resumo sua obra parece ter uma preocupação permanente de convencer pelo raciocínio sólido, pela dialética?

— Penso de fato que me interesse pela literatura secreta, e inevitavelmente essa literatura é no essencial erótica, salvo em periodos de opressão social, quando há uma literatura política, igualmente escondida. Mas, vendo bem, as grandes obras secretas são eróticas. E acho que não se pode compreender a literatura se não conhecemos tais obras, se essa metade obscura não estão acessível. Aqueles que conhecem apenas Pascal, Saint Simon e Boileau têm uma visão muito incompleta da literatura.

— Mas Rimbaud ou Mallarmé tinham uma preocupação de precisão dialética?

— Eles tinham um sentido de precisão, que é muito importante. A precisão para a metade sombria da literatura é tão ou mesmo mais essencial que para a literatura ao sol. Há uma precisão nos poemas de Baudelaire que é muito particular, muito sensível, há uma precisão quando Genet se conta através dos mitos que ele inventa, todas as imagensa que forja, nas idéias que expressa e a literatura é certamente para ele, como para tantos outros, como para mim, uma construção precisa que pode ter tudo de vago e de longíqüo, todo o trande do sublime, mas que é constantemente precisa e tenta definir uma situação. Foi isso que eu encontrei em Sade e nos escritores negros do século XIX, ainda que com variações: uma espécie de racionalidade negra.

"Homossexualismo: Uma Escolha Existencial".

— Nos seus "Escritos" há uma passagem inédita (2) de "Saint Genet" onde o senhor diz: "a literatura, como a pederastia, representa uma saida virtual que se inventa em certas situações e que, em outras, não é sequer pensada, porque então não seria de nenhum auxílio". Por que faz tal comparação?

— É a propósito de Genet, claro. E depois, eu achava que a maneira pela qual Genet assumiu seu estado quando era prisioneiro, para praticar realmente o homossexualismo, parece o estado de um homem sem saída, completamente confuso, perdido diante dos outros e que inventa a literatura, isto é, que inventa escrever para encontrar uma saída. Em suma, a vontade de pederastia em Genet, a vontade de tornar-se inteiramente pederasta, de aceitar a violência a que era submetido de vez em quando pelos companheiros de Mettray, e ele queria que a violência fosse aceita, pedida: assim ela deixava de ser violência. Um escritor tenta pensar em liberdade sobre as relações das pessoas entre si e sobre a violência que se fazem. Chega-se a uma espécie de gratuidade, de aceitação e de vontade.

— Em "Saint Genet" encontramos esta frase: "Não se nasce homossexual ou normal, cada um torna-se uma coisa ou outra com os acidentes de sua história e sua própria reação a esses acidentes". O senhor afirma também: "É uma saída que uma criança encontra no momento de sufocar". Dizendo isso o senhor não faz do homossexual o melhor exemplo de sua tese existencialista?

— Certamente, porque quando tomei a decisão de fazer um prefácio para Genet tomei o homossexual que era Genet como o próprio tipo do homem que se faz numa situação... Finalmente, Genet é homossexual porque é órfão e ladrão, porque ele é feito de roubos. Então, o homossexualismo é uma espécie de retomada de tudo isso e ele tornou-se, como diz, o Ladrão. O Ladrão é ao mesmo tempo o pederasta, ou antes, o homossexual.

— Por quê?

— Eu já expliquei em "Saint Genet". Genet, naturalmente, é um caso particular; não se pode dizer o mesmo de qualquer homossexual, nem que todo homossexual é ladrão: isso não quereria dizer nada. Mas esse é o caso de Genet; quando se deu conta, ele era ladrão, maltratado pelos adultos, jogado numa prisão e enfim encontrou meninos que eram como ele, ladrões, e que o trataram sexualmente como vitima. Ele não podia mais escapar dessa situação. Tinha caído numa armadilha, estava nas mãos de meninos e era sua vítima; a menos que ele tenha querido, para se libertar, ser justamente a vítima. Ele desejava sê-lo, como explica mais tarde que há outras pederastias além da passiva. Então ele se entregou para tornar-se o menino que deseja ser apanhado, aquele que se torna um dos componentes essenciais de sua personalidade... Transformou assim uma espécie de derrota — uma captura — em vitória, que passa a desejar.

— E quando não se é homossexual é por falta de circunstâncias?

— Não, porque se pode ser poeta sem passar pela homossexualidade. Pode-se não ser, depende das circunstâncias. Por exemplo, penso que a única saída para Genet era a de tornar-se homossexual. Mas pode-se imaginar circunstâncias igualmente constrangedoras que não tem essa solução, essa saída sexual.

— De Genet o senhor também disse: "Admiro essa criança que se quis assim." Por que uma tal fascinação por essa escolha precoce da marginalidade?

— Porque escolha, e escolha precoce. Era preciso evidentemente uma escolha de um menino de dez anos, que só pode ser — se ele é profundo — a marginalidade. Ele não pode seguir o caminho dos outros porque já não seria uma escolha, mas a imposição da força dos outros. E conseqüentemente essa escolha pessoal, profunda e rigorosamente individual, com um único fim, é de fato um ato de vontade formidável da parte de uma criança.

"Essa Profundidade que os Heterossexuais não têm"

— Há um paralelo constante na sua obra entre o fascínio da ordem militar, a recusa da violência e o homossexual em buscas muito simbólicas. Por exemplo, o homossexual Daniel em "O Caminhos da Liberdade" aplaude a entrada das tropas alemãs em Paris. Esta adesão à ordem masculina é encontrada em Genet. O homossexual na política seria um traidor virtual?

— É possivel. Não o disse porque em um sentido isso cessou de me interessar. Como eu não era homossexual, não poderia dizê-lo. Poderia tentar pensar sobre o assunto, ou pensar alguma coisa equivalente se eu fosse homossexual. E acho de fato que um homossexual é um traidor em potência. Mas é preciso compreender muito bem o que isso quer dizer. O traidor é o aspecto negro da coisa; mas o aspecto branco, dourado é o do homossexual tentar ser uma realidade profunda, muito profunda. Ele tenta encontrar uma profundidade que os heterossexuais não possuem; mas isso também, essa profundidade que ele tenta obter com simplicidade, com clareza, pois bem, o lado negro se apossa. Existe no homossexual um aspecto negro que o define, que se faz presente para ele e não necessariamente para os outros.

— Hitler mandou massacrar os SA em 1934 dizendo que o homossexualismo era perigoso para a ordem social. Stalin tinha acabado de realizar chacinas semelhantes. Será o homossexual o espantalho necessário que é erguido toda vez que um regime quer consolidar seu poder?

— Toda vez, não sei. Em todo o caso é um espantalho que se ergue. Um regime fascista é em geral contra os homossexuais. Só que vocês não devem esquecer que no regime hitlerista havia também o inverso; os Hiltler Jugend eram muitas vezes homossexuais ou, em todo caso, se orientavam em direção ao homossexualismo. Havia os dois aspectos. Tal ambigüidade existe em todos os exemplos de fascismo, cada vez que existem massas retidas, unificadas ou em exercício militar. De qualquer forma há uma tendência ao homossexualismo porque os homens estão sempre juntos, vivem juntos, têm relacionamento mais ou menos íntimo. Há portanto uma ameaça do homossexualismo; digo "ameaça" porque os chefes fascistas sabem que há a homossexualidade que nasce com o fascismo e, eles querendo ao mesmo tempo ser machistas, são contra essa homossexualidade. É a prova que há os dois aspectos e isso cria a contradição profunda de um regime fascista, digamos ditatorial.

— Mas esse foi também o caso de Stalin.

— Sim.

— Por que não há uma palavra em seus escritos políticos sobre o extermínio de homossexuais por Stalin e Hitler?

— Porque eu não sabia exatamente de que tipo eram esses massacres. Não sabia se eram sistemáticos, quantas pessoas tinham atingido; não estava certo. Eu podia então reprovar muita coisa nesses ditadores, mas essas justamente eu não podia por não saber.

— A que o senhor atribui o fato de não ter conhecimento desses casos históricos?

— Os historiadores falam pouco a respeito. O jornal de vocês é feito para denunciar casos desse gênero. Façam análises de tempos em tempos.

— O seu conto "A Infância de um Chefe", em "O Muro", põe em cena Lucien Fleurier que, como "O Conformista" de Moravia, recusa-se a ser homossexual se refugiando na ordem fascista. O senhor pensa que esse é o caso de muitos homossexuais em busca de sólidas referências hierárquicas?

— Não sei. O caso de Lucien Fleurier indica que aquilo a que ele se recusou foi mais a desordem. Ele sentia o homossexual não como a ordem, mas como a desordem. E com efeito Lucien Fleurier não é um homossexual. Ele tem uma tentação, mas é essencialmente heterossexual, ainda que tenha tendências homossexuais. Em todo caso, o desejo de ordem não parece lhe provir do homossexualismo; ele o tem há muito tempo.

"Vocês não devem Aceitar Essa Sociedade Pudibunda"

— Em seus romances, certos personagens fazem da sodomia o ato dominador por excelência, que permite a um homem de subjugar um outro. Frantz em "Os Seqüestrados de Altona" declara: "Quando há dois chefes eles têm de se matar, ou então um deles tem se transformar na mulher do outro." Por que ver na sodomia passiva uma execução capital?

— Isso é um pouco o resultado das impressões que tive e amadureci depois das discussões com Genet. Quando escrevi o livro sobre ele tinha possibilidade de lhe falar, criava minhas hipóteses e as submetia a ele. Às vezes, apesar de suas objeções, eu mantinha hipóteses, mas de tempos em tempos era ele quem tinha razão. E depois, eu via a coisa assim. Nunca pretendi que em qualquer circunstância era assim que era preciso vê-lo, mas na situação de Frantz, jogado no exército pelos alemães — seus Chefes —. Eu via isso como uma execução. Ele durante todo o tempo submetido a uma execução, e finalmente era a uma execução capital que o submetiam. Digo-lhes que vejo aí um destino possível do homossexual: a sociedade heterossexual o domina e o conduz mais ou menos sorrateiramente para uma execução capital.

— O senhor não acha que falta uma análise importante sobre o homossexualismo disfarçado que existe na tortura, no esporte e em todas instituições "masculinas"?

— Acredito sim que o fato existe e que certamente deve ser analisado.

— Esse tabu geral que atinge o homossexualismo não terá por única origem o terror da sodomia passiva?

— Sim, é possível, é mesmo provável.

— O Homossexual passivo se oferece e se dá. Para os outros ele então perde toda a dignidade; seria, como o senhor escreveu, "uma mulher imginária que tem seu prazer com a ausência de prazer". Por que uma tal desconsideração que parece atingir e englobar tanto o homossexual passivo como qualquer mulher que tenha relações heterossexuais?

— Leiam Genet: é ele quem dá essa impressão. É ele quem diz que não tem prazer; ele o procura mas não encontra. E quando se transfere a esse papel artificial do homossexual ativo, passa a desprezar um pouco os homossexuais passivos, embora considere a homossexualidade passiva como a verdadeira homossexualidade. Para ele, é ela que conta: a outra, é uma homossexualidade à que se chega, onde o homossexual fica ativo depois de ter sido realmente homossexual passivo. E nisso eu me fio em Genet, pois era dele que estava falando.

— O senhor acredita realmente que toda sodomia passiva cria uma ausência de prazer?

— Não há razão para isso. Mas é certo que Genet não parece ter tido grande prazer.

— Em 1980, como o senhor vê o status social dos homossexuais: essa minoria pode ser absorvida pela hipócrita liberalização de costumes?

— Não. Penso que no momento ela tem de ficar bastante isolada, de permanecer um grupo dentro da sociedade pudibunda, um grupo separado que não pode se fundir com essa sociedade, que ela não deve aceitar mas, ao contrário, de certo modo, odiar. Os homossexuais não devem aceitá-la, mas a única coisa que podem esperar, em certos Estados, é uma espécie de espaço livre onde lhe seja permitido se reunirem, como nos Estados Unidos, por exemplo.

Entrevista feita por Jean Le Bitoux e Gilles Barbedette em Paris, em 28.2.80. Desenho de Claude Lochu. Todos direitos de reprodução reservados ao "Gai Pied".

1. **"Sempre acreditei que há em mim uma espécie de mulher"**, entrevista com Simone de Beauvoir ("Situations X", Gallimard, 1975). 2. in "Les Ecrits de Sartre", por M. Contat e Rybalka (Gallimard, 1976).

"Eu sou um pederasta, se diz e sente-se desmoronar com isso. — Levanta, Lucien, grita-lhe a mãe pela porta fechada, tens escola hoje. — Sim, mamãe, responde Lucien docilmente (...) Era engraçado — Lucien sorri com amargura — podia-se perguntar por dias inteiros: sou inteligente, estarei me enganando, sem jamais chegar à uma conclusão? E ao lado disso havia as etiquetas que você se pregava um belo dia e era depois obrigado a levá-las pelo resto da vida: por exemplo, Lucien era alto e loiro, lembrava o pai, era filho único e, desde ontem, era um pederasta. Diriam dele: "É o Fleurier, aquele altão loiro que gosta de homem." E as pessoas responderiam: "Sei, sim. Aquela bichona grandalhona? Sei muito bem quem é." 1. — O termo pederasta é para Sartre, como para os de sua geração, empregado mais seguidamente em lugar de homossexual. (Le Mur, 1937, Gallimard e Poche, páginas 206 a 208).

"Temendo ser visto, Baudelaire se impõe aos olhares. Espantam-se as pessoas de que ele tenha às vezes o aspecto de uma mulher e se procura nele os traços de uma homossexualidade que nunca se manifestou. Mas é preciso que se diga que a "feminilidade" resulta da condição, não do sexo. (...) Quando ele sai, fantasiado como se fosse uma caça, trata-se de uma verdadeira cerimônia; é preciso proteger suas roupas, saltitar entre os charcos d'água; (...) enquanto gravemente realiza os mil pequenos atos impotentes de seu sacerdócio, ele se sente penetrado, possuído pelos outros. (...) Mas um homem-mulher não é necessariamente um homossexual. A passividade de objeto sob os olhares, que ele tenta compensar com uma composição cuidadosa de seus gestos e de sua maneira de vestir, lhe dá um prazer que talvez ele tenha transformado de vez em quando, em seus sonhos, numa outra passividade: a de seu corpo sob um desejo masculino. Daí, sem dúvida, as eternas e mentirosas acusações de pederastia que ele carrega contra si mesmo."

(**Baudelaire**, 1946, Gallimard e col. Poche/Idées. Páginas 193 e 195.)

"É preciso que o pederasta permaneça um objeto, flor, inseto, habitante da antiga Sodoma ou da longínqua Urano, autômato que salta à luz do palco, tudo o que quisermos exceto meu próximo, exceto minha imagem, exceto eu mesmo. Porque é preciso escolher: se todo o homem é o homem, é preciso que esse transviado seja apenas um seixo, ou então ele seja eu..." (Páginas 648 a 649)

"Lendo Genet ficamos tentados de nos perguntar: Um pederasta existe? Pensa? Julga, nos julga, nos Vê? Se ele existe, tudo muda: se a pederastia é a escolha de uma consciência, ela torna-se uma possibilidade humana. O Homem é pederasta, ladrão e traidor. Quem negar isso pode renunciar aos seus mais belos louros: foi porque você gostou de furar a barreira do som com aquele aviador, e com ele. Você fez recuar os limites das possibilidades humanas e, quando ele aparece, Você se aclama a si próprio. Não vejo nada de mal:; toda a aventura humana, por mais singular que possa parecer, compromete a humanidade inteira."

"O cume é a feminilidade secreta dos homens, sua passividade." (Página 508)

"Genet se entrega... a crises catárticas que reproduzem e elevam ao sublime o primeiro encantamento: o ciúme, a execução capital, a poesia, o orgasmo, o homossexualismo." (Página 12)

(**Saint Genet — Comédien et Martyr —**, Gallimard, reeditado em 1978)

"Gavi: Como os homossexuais ainda são uma minoria, ninguém os toca. Por isso quero saber o que pensas disso. — Sartre: A tua pergunta é difícil, porque o movimento homossexual não é popular. Se fizermos no jornal artigos sobre o homossexualismo, receberemos muitas cartas de leitores que são completamente contra. Não temos como tirar um denominador comum. Quando tivermos 25 ou 30 cartas de leitores que nos dirão: o homossexualismo é horrível, ele é contra a luta de classes, e do outro lado uma ou duas do FHAR, de que forma fundir as duas opiniões? E nota que, de um certo ponto de vista, os que dirão que são contra a luta de classes não estarão totalmente errados. Esse era o caso até agora, atualmente a coisa mudou, mas... (...) Não se trata de sair gritando "Viva os homossexuais". Pessoalmente eu não posso fazer isso, já que não sou homossexual. Trata-se de mostrar aos leitores do jornal que os homossexuais têm o direito de viver e de serem respeitados como qualquer outra pessoa."

(**Ou a raison de se révolter**. 1974. Debate para a fundação do diário **Libération**. Páginas 115 a 117. Gallimard, col. La France Suavage).

Nossas mulheres em Copenhague

"Prezadas companheiras as mulheres do Auê/Rio e do Somos/Rio, grupos homossexuais organizados, vêm se juntar às suas irmãs, na luta comum pr seus direitos específicos, já que este é o caminho de toda mulher — pratique ela atos homossexuais, heterossexuais, ou ambos.

"Nosso país, além dos conflitos gerados por uma sociedade machista patriarcal, de causas seculares, ainda enfrenta um grave problema que é a enorme miséria sofrida pela maioria da população. Então, a luta feminsta tem se ser simultânea a das classes oprimidas. Para nós, no entanto duas são fundamentais: dentro da atual realidade brasileira, acreditamos que, a par de uma transformação político-econômica, é indispensável uma mudança ideológica que permita cada mulher ter direito ao seu prazer, ao seu tipo de sexualidade, o acesso aos meios contraceptivos e não-reprodutivos, se assim desejar, mesmo que esta atitude seja contrária aos propósitos de uma sociedade preocupada tão-somente com seus interesses mais imediatos.

"Muitas mulheres com vivência homossexual têm filhos, sentindo, portanto, todos os problemas inerentes às desquitadas ou mães solteiras e sendo duplamente discriminadas. Assim, a sexualidade não é apenas a reivindicação de um direito individual, mas também social, já que o sistema a reprime e a controla, de acordo com seus propósitos, manejando o moralismo como arma política.

"Procuramos debater nossa sexualidade não com uma visão reformista, mas revolucionária, na medida em que estamos introduzindo um novo discurso político ao falarmos do específico, do individual, sem ficarmos apenas na teorização genérica de temas abstratos, conduta que só serviu até hoje para nos oprimir. Não nos interessa, portanto, a mera aceitação e adaptação nesta sociedade injusta e anti-democrática; queremos, exatamente, é a mudança dela, tanto em sua estrutura quanto no seu arcabouço ideológico.

"Queremos não uma reprodução de papéis, não a repetição de relações autoritárias entre dominador e dominado, mas a conscientização da mulher através de seu corpo, inclusive com resposta a padrões de comportamento que lhes são diariamente impostos.

"E as mulheres de todo mundo tem de estar unidas na busca de sua identidade, caminho longo é árduo, mas fundamental para encontrarmos uma solução verdadeiramente feminista e libertária para nossa liberação e emancipação"

•••••

Esse foi o documento que as mulheres do grupo AUÊ/RIO (através de Leila) e as do grupo SOMOS/RJ (através de Dolores) entregaram à Lélia Gonzalez, para ser levado a Kopenhagen. Eis a conversa das três:

LEILA — Lélia, exatamene o que é esse encontro na Dinamarca?

LÉLIA — Nós vamos ter a Conferência Mundial da Década do Ano Internacional da Mulher, organizado pela ONU.

DOLORES — De quando a quando?

LÉLIA — De 14 a 30 de julho, com a presença dos representantes de cada país. Agora, paralelamente à Conferência, ocorrerá o "Forum das Organizações Não-Governamentais", sobre o tema: "Igualdade, Desenvolvimento e Paz", abrangendo como subtemas: "Educação, Saúde e Emprego", "Racismo e Sexismo" (incluindo o apartheid), "Migrantes, Refugiados e Família".

LEILA — E qual a sua participação neste Forum?

LÉLIA — Eu faço parte do comitê de organização do Forum, que vai coordenar, inclusive, o painel sobre racismo, sexismo e apartheid. Na parte de sexismo, é claro que discutirei amplamente a questão do homossexualismo e lerei a carta de vocês.

DOLORES — Do Brasil é só você quem vai?

LÉLIA — Eu estou sabendo que outras mulheres irão por conta própria, mas a única convidada oficial e dentro da organização do Fórum sou eu, que fui a todas as reuniões preparatórias na Suíça, Canadá, Finlândia, França e Estados Unidos.

LEILA — Tantas assim?... Então há quanto tempo vocês estão organizando esta conferência?

LÉLIA — Bom, ela ficou estabelecida desde a Comemoração do Ano Internacional da Mulher, que foi em 75. Como estamos no começo da década, ela vai servir para se fazer um balanço do que ocorreu com a mulher nestes cinco últimos anos.

Só nos restou desejar boa sorte à nossa companheira Lélia Gonzalez, que, inclusive, foi escolhida como patrona da Turma de História da IFICS da UFRJ, com solenidade de entrega de diplomas marcada para 29 de julho, às 14:00 horas, na faculdade do Largo de S. Francisco, no Rio. Bom se frisar que é a primeira vez num sistema universitário racista que acontece fato deste tipo com uma mulher negra, homenagem aliás merecidíssima, diga-se de passagem... (**Leila Míccolis**).

☆☆☆☆ Escolha Seu Grupo ☆☆☆☆

"GOLS" — ABC — Grupo Opção À Liberdade Sexual — Caixa Postal 426, Santo André, SP — CEP 09.000.

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE — Centro Luiz Freire, rua 27 de Janeiro, Carmo, Olinda, PE — CEP 53.000.

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, Paraiba — CEP 58.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, Pernambuco — CEP 54.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2552, Salvador, Bahia — CEP 40.000.

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal 1720, Belo Horizonte, Minas Gerais — CEP 30.000.

BEIJO LIVRE/Brasília — Caixa Postal 070812, Brasilia, DF — CEP 70.000.

SOMOS/RJ — Caixa Postal 3356, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.100.

AUÊ/RJ — Caixa Postal 16218/25029/65022, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.000.

SOMOS/Sorocaba — Rua Fuad Bachir Abdala, 53 aptº 31, Sorocaba, SP — CEP 18.100.

LIBERTOS/Guarulhos — Caixa Postal 132, Guarulhos, SP — CEP 07.000.

GRUPO DE SANTO ANDRÉ — Caixa Postal 426, Santo André, SP — CEP 09.000.

GRUPO LÉSBICO-FEMINISTA/SP — Caixa Postal 293, São Paulo, SP — CEP 01.000.

EROS/SP — Caixa Postal 5140, São Paulo, SP — CEP 01.000.

SOMOS/SP — Caixa Postal 22196, São Paulo, SP — CEP 01.000.

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA/SP — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP — CEP 05.019.

GRUPO OUTRA COISA/SP — Caixa Postal 8906, São Paulo, SP — CEP 01.000

* * * * * * *

Atenção turmas de Porto Alegre e Goiânia: Quem estiver a fim de formar um grupo nestas cidades, basta entrar em contato com o seguinte pessoal: **Porto Alegre** — Grupo Feminista "Costela de Adão", Caixa Postal 10.056 — Porto Alegre — RS — CEP 90.000 e **Goiânia** — Tom, Caixa Postal 10.047 — Goiânia — Goiás — CEP: 74.000. Este pessoal tem mil dicas e informações para passar. Entre nesta festa!!!

SENHOR, **boa situação, procura homem jovem e bonito para compromisso sério. N.Del — Caixa Postal 070063 — Brasília — D.F. — CEP 70.000.**

LOIRO **acastanhado, 1,76m, 19 anos, 58Kg, deseja corresponder-se com rapazes de idade igual ou pouco mais, para troca de idéias e bom relacionamento. Reginaldo Palha — Estrada Capineira, 16 — Barros Filho — Rio de Janeiro — RJ — CEP 21510.**

ESTILISTA **em moda, bonito, 24 anos, claro de olhos verdes acinzentados. Moro só. Devido compromissos atendo telefonemas a partir das 23:00h. Vilee — DDD (0473) 55-1220 — Brusque, SC.**

MULATO, **32 anos, nível superior, 1,70m, 57Kg, discreto, deseja se corresponder com pessoas do mesmo sexo, que curta a vida com inteligência, para futura amizade. Claudionor de Souza Filho — Rua Navarro, 985 — Catumbi — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20521.**

PAULISTANA, 22 anos, estudante — **Quero corresponder-me com você. Elisa da Glória — Rua Jaboticabal, 670 — São Paulo, SP — CEP 03188.**

UNIVERSITÁRIO, **28 anos, moreno claro, 1,80m, 70Kg, olhos cor de mel, barbudo, gostaria de se corresponder com lampiônicos acima de 35 anos, morenos e de cabelos grisalhos para amizade e algo mais. L.L. — Caixa Postal 65086 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20115.**

RAPAZ, **guei, discreto, gosta de pintar e entalhar, 30 anos, 1,88m, 90Kg, deseja corresponder-se com rapazes gueis para futura amizade. Pedro Celso Miranda Coelho — Rua Manuel de Almeida Belo, 475 — Bairro Novo — Olinda, PE — CEP 53000.**

SENHOR, **50 anos, aparência e espirito jovem, procura amizade sincera de rapaz ativo, bem dotado, que acredite no amor. Carta franca e desinibida com foto que será devolvida. Eduardo Santos — Caixa Postal 8879 — São Paulo, SP — CEP 03033.**

GUEI **passivo, deseja se corresponder com rapazes até 28 anos, sem preconceitos. Sou moreno, cabelos e olhos castanhos, 1,63m, 53Kg, — amante da natureza e de todo tipo de arte brasileira. Divino Alves — Sítio Betelli, 1709 — Bairro Medeiros — Itupeva, São Paulo — CEP 13210.**

JOVEM **universitária, apaixonadamente viva, pede as mulheres que se comuniquem com fotos na 1ª carta. Mônica — Rua Areal de Baixo, 511 — Largo 2 de julho — Salvador, BA — CEP 40000.**

RAPAZ, **30 anos, simpático, boa aparência, gostaria de manter correspondência com rapazes bem dotados de todo país. Foto na 1ª carta. José C. Silveira — Caixa Postal 1423 — Belo Horizonte, MG — CEP 30000.**

CARIOCA, **28 anos, 1,81m, descendente de italinos e portugueses, discreto, desejo corresponder-me com gueis discretos, conscientizados de que ser homossexual é ser muito mais homem do que muitos heteros que existem por aí. Ser guei é ter cuca. Temos muito o que conversar. Paulo Cesar Albini — Caixa Postal 040384 — Brasília, D.F. — CEP 70300.**

ENTENDIDO, **tímido, discreto, cabelos loiros encaracolados, olhos castanhos esverdeados, 18 anos, romântico, carinhoso. Gostaria de correspondência com rapazes entendidos, com idade superior, que sejam românticos, carinhosos e acima de tudo discretos. Foto na 1ª carta. Elias G. de Oliveira. Rua Estados Unidos, 388, Jardim Paulista — São Paulo, SP — CEP 01427**

CRÍTICO **do sistema social, universitário, 27 anos, discreto, culto, 1,81m, 79Kg, deseja selecionar amizades entre pessoas discretas. Peço características gerais na 1ª carta. Ratso — Caixa Postal 2998 — Curitiba, PR — CEP 80000.**

GRINGO, **25 anos, cabelos claros e olhos azuis, discreto, intelectual e sem preconceitos raciais, deseja trocar cartas e idéias com jovens brasileiros até 30 anos, sobre artes visuais, literatura, amizade e que sejam sinceros e discretos, autênticos e sem interesses financeiros. Foto na 1ª carta. Denis J.O. — Caixa Postal 4515 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20100.**

SOLITÁRIO. **Jovem entendido, culto, sensível e romântico, deseja manter correspondência com entendidos para fins afetivos sinceros e duradouros. Geraldo Mello — Rua Panamá, 70 — Penha, Rio de Janeiro, RJ — CEP 21020.**

ESTAMOS AÍ, **para o que der e vier e para o que vier e der. Escreva-me por favor. Qualquer idade, sexo ou cor. Fotografias da alma na 1ª carta. Jean D. Lavit — Caixa Postal 2.149 — São Paulo, SP — CEP. 02.051.**

LAÇOS DE AMIZADE. **Desejo corresponder-me com rapazes ativos e entendidos, que possuam boa formação pessoal e cultural, capazes de formar um verdadeiro laço de amizade. Jeremias de Souza, 40 anos, 1,72m, moreno claro. Rua Evaristo da Veiga, 16-A — Centro, Rio de Janeiro, RJ — CEP. 20031.**

PROFESSOR **de nível universitário, solteiro, 48 anos, procura amigo, de preferência de Curitiba — PR, até 35 anos, solteiro, de profissão definida e que sinta necessidade de amizade e intercâmbio cultural. Marcelino da Cruz — a/c do agente do correio — Conselheiro Mairink, PR — CEP 86.480.**

UTILIDADE

SOCORRO **gays executivos desta terra!!! Preciso de um trabalho. Quero sobreviver as agruras do sistema. Gordon — Rua Braga, 168 — Penha, Rio de Janeiro, RJ — CEP 21.011.**

MAQUIADOR — **Filmes: super 8, curta e longa. Maquiagem para modelos, comercial, fotos. Luiz — Tel. 246-4180, BIP 31JK — Rio de Janeiro.**

2º GRAU — CONTABILIDADE. **Emprego de escritório ou não. Algo que dê futura estabilidade e acima de tudo uma chance para vencer. Pedro Paulo Ignácio da Silva. Rua Carlos Marques de Castro, 50 — Vila Torina, São João do Meriti, RJ — CEP 25.500.**

MOTORISTA PARTICULAR — mulher de 22 anos, experiência, cultura e aparência razoáveis. Elisa da Glória — Rua Jaboticabal, 670 — São Paulo, SP — CEP 03.188

OFERECE-SE Senhor solteiro para gerenciar, arrendar ou servir de interpréte, guia de turismo em Hotel de elevada categoria e que costumeiramente conte com hóspedes alemães. Cartas e propostas para Marcelino da Cruz, a/c do agente do Correio. Conselheiro Mairink — PR. CEP. 86.480.

ESCOLHA O SEU ROTEIRO

Goiânia

Quem disse que Goiânia não tem praia, não tem arranha-céus, acertou e sabe das coisas. Mas quem disse que aqui não tem vida guei, errou e não sabe de nada. Dê uma volta pela Avenida Goiás e verá. Em pleno meio dessa avenida uma estátua do Anhaguera numa pose muito bicha, e ao longo dela as pegações de todos os tipos e modos: michês (aqui chamados peg-pags), incubadas, assumidas em todos os graus, travestis, bichas menos bichas, mais bichas, bofes para todos os gostos, tudo na "ilha" da avenida, à sombra cúmplice e aconchegante das árvores e no conforto dos bancos de madeira do tamanho de uma cama. Essa avenida já é conhecida há anos como o ponto guei central de Goiânia.

Para quem faz o gênero discreto existe a "rua de lazer" perto do cine Casablanca, onde tem também uma casa de diversões eletrônicas freqüentada por diversões menos eletrônicas, todos muito acessiveis. As galerias dos cines Ouro e Capir também não ficam atrás. Em Campinas a praça da matriz e a Avenida 24 de Outubro oferecem muitas opções para quem prefere o "boy ao ponto" ou o "michê" amador. Se você tem jeito, até mesmo os pontos de ônibus servem. Se você tem carro, parabéns! Em troca de uma carona pode-se conseguir muito.

Os hotéis Santo Antoninho e Sayonara, no centro, aceitam dois homens ou duas mulheres por algumas horas a Cr$ 120,00 cada um. Nas imediações da estação rodoviária os hotéis e pensões mais modestos aceitam pares sem pedir documentos, a preços razoáveis.

O Café Central é rico de opções, a partir dos garçons. Idem a vizinha Pastelaria Real. Ambiente tipicamente entendido é o Bakulelê, meio distante, mas sempre cheio e bem freqüentado. Alguns dias tem show e é costumeiro ver-se grupos de amadores animando o ambiente com violão e atabaques. Lá também se come boa comida e, na quarta-feira, a casa enche e se anima. Mas o ponto alto da noite guei goiana é o Monyks Drinks, na Avenida Anhanguera. Ambiente acolhedor, simples e muito gostoso. A proprietária e maitre Yolanda é uma pessoa fabulosa, que tem como máxima que "o casal de gueis se sinta à vontade". Lá é o único lugar exclusivamente guei em Goiânia. Tem reservado onde se pode dançar ao som de FM, disco ou fita, tudo à meia luz, muito gostoso. Dizem que é impossivel chegar lá sozinho e sair só. A porta, um verdadeiro contingente de bofes, bichas, lésbicas, etc. esperam por você. (Tom).

Belém

Uma cidade com quase um milhão de habitantes, situada no extremo norte do país, me surpreendeu de uma maneira bastante favorável. Fora do eixo Rio-São Paulo não me recordo de outra cidade brasileira (e conheço muitas) onde o gay seja tão bem aceito pela alta burguesia como em Belém. Desde que não se proclame homossexual, o gay paraense é aceito em qualquer parte da cidade, em qualquer local. Os ricaços e de famílias tradicionais podem ser encontrados no Iate Clube e nas boates chamadas mistas da cidade como o Signo e a Gemini.

Como em qualquer cidade que se preza, Belém tem em seus poucos e desconfortáveis cinemas um motivo a mais para uma pegação desenfreada, principalmente no cine Nazaré, situado em frente à famosa Igreja. Muitos tomam cuidado, como diz o folclórico Raja Gantuss, figura das mais populares do local: "não fica bem sermos vistos entrando neste cinema ou passando por essa praça à noite". A preocupação em esconder a preferência sexual é uma constante em Belém, embora os gays convivam com os hetero numa boa, desde como já disse, que possuam um certo status. Afinal de contas, é mais fácil expulsar uma bichinha desconhecida do Iate Clube (como aconteceu) do que colocar pra fora figuras da sociedade local.

Em relação aos bares, o mais conhecido é o Bar do Parque, na avenida Presidente Vargas, em frente ao Teatro da Paz. Funcionando vinte e quatro horas por dia, ao ar livre, o bar mistura artistas, jornalistas e políticos num papo alcóolico até de manhã. É facílimo sair acompanhado dali. O que os paraenses reclamam é do tamanho do banheiro: muito pequeno para tanta gente. O Stop, já fazendo um gênero mais fino, é indiscutivelmente o melhor da cidade. Invariavelmente o gay paraense dá uma passadinha no Stop lá pelas dez da noite para bater um papo ou na esperança de algum turista desavisado, já que entre eles fica difícil um relacionamento mais profundo por já se conhecerem de longa data.

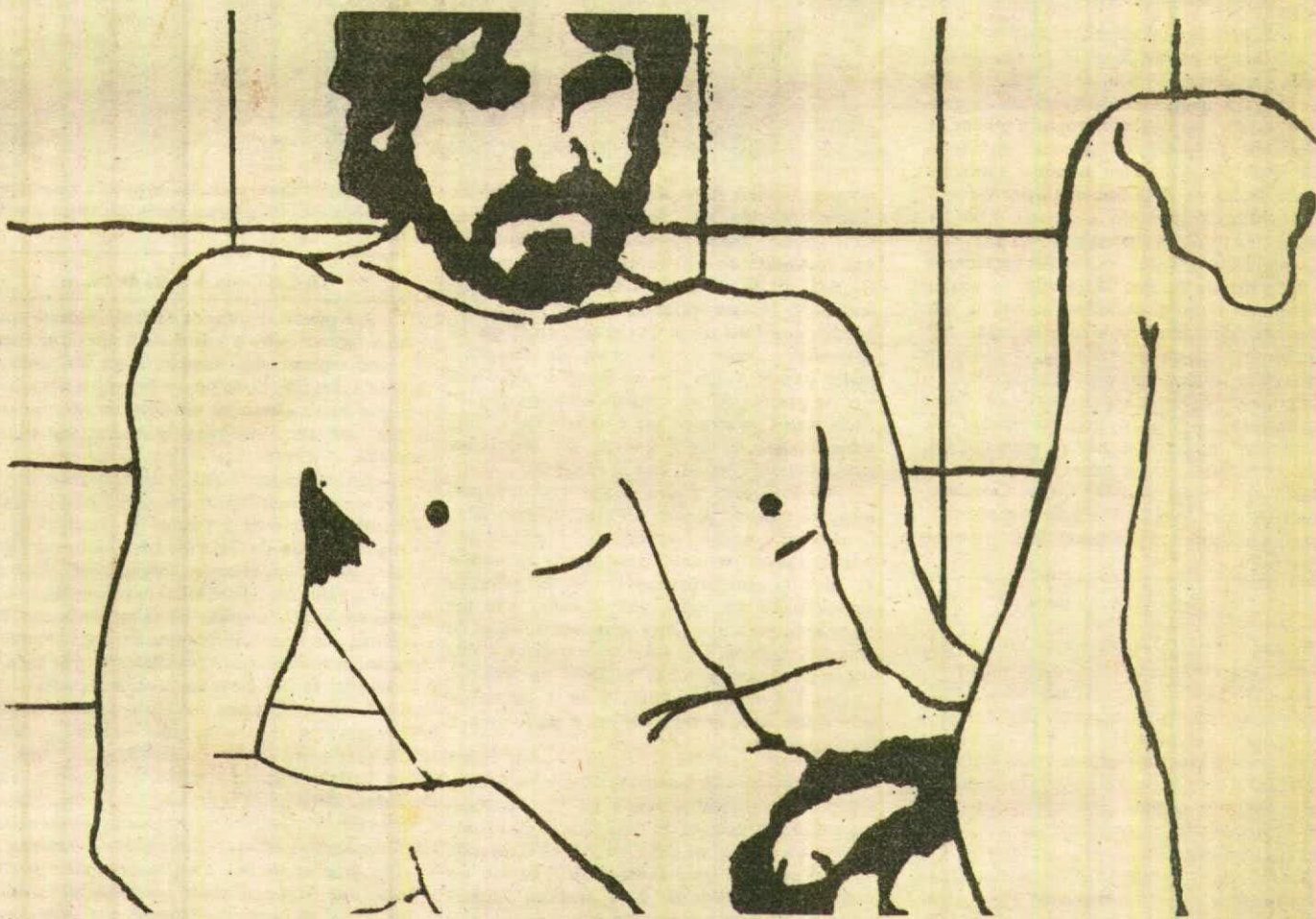
No caminho para Icoaraci existe a única boate gay de Belém, que praticamente só funciona nos fins de semana, a "Marcos". Lá você vê gente de todos os níveis e condições sociais a se divertir num calor insuportável mas longe dos olhares curiosos dos heteros. Promoções são feitas tais como Miss Brasil gay, desfile disso, desfile daquilo para atrair o gay com maior poder aquisitivo.

Você não pode conhecer Belém sem dar uma passadinha nos seus dois principais balneários: o Mosqueiro, a uma hora de carro, onde, enquanto você toma banho de rio, pode apreciar moças e rapazes fazendo o top e o bottonless, mesmo estando em carros que passam a razoável velocidade. E Salinas a três horas de carro, onde você coloca seu automóvel na praia e curte as delícias de um local maravilhoso, com uma vida gay intensa.

É importante que você demonstre ao paraense não ser da cidade, o que lhe facilitará um relacionamento mais profundo. O medo que os amigos saibam ou que a família venha a saber de suas transações é bastante importante para o paraense. No mais, é você conhecer algum gay pela cidade (é bastante fácil), sair de lancha pelo rio Guamá e curtir as delícias de uma cidade bonita, aberta e bem transada. (José Fernando Bastos).

Ruddy, o "coiffeur", agora poeta

Esse rapaz aí do lado muita gente manja: é o Ruddy, coiffeur capaz de pegar a cabeça mais quadrada do mundo e transformar numa coisa interessante. Tudo isso porque ele não é apenas um cabeleireiro; é um artista. Quem duvidar, que leia "Eu Ruddy", livro que ele lançará no dia 18 de agosto, às 20h, na Galeria Saramenha, no Shopping Center da Gávea. O livro reúne poemas que ele escreve há 15 anos, como uma espécie de catarse, sem maiores pretensões. Estes poemas chegaram às mãos de Ferreira Gullar, que descobriu — e apadrinhou — o poeta Rudyy que agora chega às livrarias. LAMPIÃO estará presente no lançamento e Rudyy estará no Lampa no próximo número: ele já combinou conosco uma entrevista na qual promete "contar tudo". O que, em se tratando de Rudy, podem acreditar: é muita coisa.

Receba este rapaz em sua casa

Iniciamos com esta belíssima serigrafia de Luiz Beltrame o lançamento de uma série de trabalhos eróticos, na mesma técnica, dos mais famosos artistas nacionais. Lampião está cada vez mais interessado no surgimento de uma verdadeira e sadia cultura guei entre nós.

Luiz Beltrame nasceu no Rio Grande do Sul e afinou sua sensibilidade estudando durante quase dois anos numa universidade da India. Foi de lá que ele trouxe esse risco que é ao mesmo tempo lânguido e firme, atemporal e presente como forma sensual e acabada. Nos desenhos de Beltrame há mais erotismo do que pode imaginar a nossa fantasia.

Enriqueça sua coleção de arte, faça agora mesmo um pedido de reembolso postal para Esquina Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda, de uma serigrafia de Luiz Beltrame. Esta é uma edição restrita e vendida exclusivamente por nosso jornal. Apenas Cr$ 1.000,00 a unidade, mas Cr$ 100,00 de despesas de correios.

REPORTAGEM

A incrível metamorfose de Andrea Casparelly

FOTOS: CYNTHIA MARTINS

Quando na reunião de pauta deste número de LAMPIÃO, ficou decidido que eu faria uma reportagem com Andrea Casparelly, fiquei emocionadíssimo, pois já tinha imaginado fazer tudo, menos estar lado a lado, na intimidade, com uma das maiores estrelas do Show Gay Brasileiro. Senti-me como um daqueles grandes colunistas do "Variety" de Hollywood, que vive cada momento de seu entrevistado.

Depois de alguns contatos, marcamos um encontro na redação do jornal, o que me valeu um grande bolo. Desesperado, saí a cata de Andrea pela noite da Lapa, pois dela dependia meu sofrido salário deste mês, ou seja, o leite dos meus garotos (cruzes!!!). Fui encontrá-la no final do show do Casanova, por volta das três horas da madrugada de um sábado. Faltavam dois dias para que eu entregasse meu trabalho para o algoz editor do Lampa. O jeito foi eu me mandar pra casa de Andrea, àquela hora da madrugada, e pela manhã tentar extrair alguns depoimentos. E lá vou eu pra Realengo, subúrbio do Rio, junto com Ana Karina Berg e o maravilhoso caso de Andréa. Estava disposto a só sair de lá com meu trabalho concluído.

Pela manhã, fui recepcionado pelas bichas que moram na mesma vila de Andrea — por sinal maravilhosas, beijo pra vocês! Tentei iniciar logo o meu trabalho, mas fui interrompido por dois convites: um para ficar e almoçar com o pessoal e outro para ir até Bangu e ajudar a fazer a feira pro almoço. Não pude resistir ao primeiro convite e nem recusar o segundo. Pegamos as bolsas de supermercado e fomos para Bangu fazer nossa feirinha.

No caminho fiquei estarrecido com a bofarada do lugar; é algo maravilhoso. E quanto aos garotinhos que pintaram, nem se comparam com os parafinados ipanemenses, fiquei em "orgasmus precocis". Na volta me propus a ajudar na cozinha. Já imaginaram quantos jornalistas podem dizer por aí que, por exemplo, ajudaram Emilinha Borba ou Elza Soares a fazer almoço? Nem Antônio Chrysóstomo, com toda a sua intimidade com os astros chegou a este estágio. Pois bem, amanhã ou depois, quando for requisitada uma biografia de Andrea Casparelly, lá estarei eu figurando como o audacioso jornalista que ajudou a estrelíssima a preparar seu repasto. Ah! Quanta emoção numa única reportagem!!! Decidi por descascar batatas, algo que faço muito bem.

Depois de vê-la caracterizando Gal Costa como ninguém — dizem as mais audaciosas que seu trabalho é tão perfeito que até parece que Gal é quem faz a dublagem de Andrea Casparelly —, e assistir seu avesso no Bifão ou no Casanova, haja coração para tê-la ao meu lado, respondendc às minhas perguntas, avidamente. Mas vamos ao que interessa.

Do Subúrbio Para a Lapa

Andrea Casparelly ou melhor, André Marcílio Ferreira, sua verdadeira identidade, nasceu em Oswaldo Cruz há 25 anos. Criado no ambiente aconchegante de ruas não poluídas e menos movimentadas do subúrbio do Rio, começou a expressar-se através da arte bem cedo. Por volta dos 9 anos foi matriculado numa escola de música onde começou a estudar piano e acordeão, e já nessa idade pensava em um dia estar num recital ou fazer um show seu.

Aos 14 anos, devido as dificuldades financeiras, foi obrigado a trabalhar e estudar à noite, tendo que largar seus estudos musicais. As esperanças de um dia poder ser conhecido por seu trabalho não se apagaram por muito tempo. Por volta de 1966 conhece seu grande amigo Paulo Roberto, a não menos conhecida Ana Karina Berg, que nesta época fazia teatro amador e convidou André para fazer alguns esquetes em clubes e teatros do subúrbio.

"Foi justamente com Ana Karina que eu comecei minha carreira, pois foi ela quem me lançou no meio artístico gay. Eu nunca havia me vestido de mulher, quando fui convidado para participar de um concurso em Irajá, Miss Unissex, Karina me deu a maior força, e eu que então havia ido para curtir, acabei transando o trabalho, aceitando participar de outros concursos".

Nesta época André só desfilava, quando um dia o travesti Jane, falando com Karina, disse que não tinha sentido eles se vestirem de mulher só para desfilar, e perguntou porque eles não começavam a fazer show. André explica qual foi sua reação: **"Karina foi e conversou comigo, aí eu disse que não tinha nada a ver eu fazer show, porque realmente eu não queria continuar a fazer travesti, era só um período de curtição simplesmente. Na mesma época eu conheci Frank Casparelly, que ficou sendo meu caso; foi dele que eu aproveitei o Casparelly. Acontece que começou a maior guerra, assim que eu fiquei de caso com ele. As pessoas de seu convívio achavam que ele tinha status no mundo gay e eu não tinha. Eles achavam que eu tinha que ter um nome, ser conhecido que nem ele, mas eu não tinha".**

Devido à barra, André resolve mostrar às pessoas que também poderia ser alguém conhecido, se quisesse, e partiu para a proposta de Jane. Seu primiero show foi numa churrascaria na subida da serra Grajaú-Jacarepaguá: **"Minha primeira apresentação foi nessa churrascaria, não me recordo o nome, num show onde todo o elenco, de travestis, dublava e eu fui a mais atrevida e quis começar cantando umas músicas de Roberto Carlos. Foi o fracasso total. Aí eu vi que cantar não tinha nada a ver comigo, e parti para a dublagem".**

Mais tarde, por ocasião do concurso Boneca Super Star, no Cassino Bangu, em 76, conversando com o organizador da festa, André pede uma chance para fazer um trabalho. "**E ele disse tudo bem, aí eu partir para dublar Shirley Bassey, e o público me aceitou de uma maneira impressionante. Eu consegui emocionar muita gente e eu mesmo fiquei muito emocionado".**

Durante um bom tempo André dubla Shirley Bassey, e nesse período começam a surgir os contratos; Andrea Casparelly sai do subúrbio e começa a transar seu trabalho no Centro e na Zona Sul. "**Então Pedrinho Martins me convida para inaugurar a Boite Zaratrusta, na Praça Mauá, e fiquei um bom tempo lá**". Sendo convidado para organizar uma festa na Beija Flor, Andrea entra em contato com Georgia Bergnston, que a convida para participar de um especial na Boite Ziig-Zaag, no Leblon. "**Mais tarde eu fui convidada por Georgia, novamente, para participar do Concurso Miss Zona Norte, onde ela era responsável pela organização do show. Então eu teria que dublar uma cantora e fazer a caracterização de outra. Foi aí que pintou a Gal Costa, em 78, quando ela gravou Tigresa.**

A partir desse trabalho comecei a aperfeiçoar a caracterização e fiquei um bom tempo fazendo Gal".

De Gal Costa À Noite do Avesso.

Aos poucos o nome de Andrea Casparelly passa a figurar entre a relação dos melhores atores transformistas. Seu sucesso chega ao ponto de lotar sucessivas casas por onde se apresenta. Torna-se raro a estréia de um show ou casa noturna gay, sem que a presença de Andrea seja confirmada.

Ao ser designada para receber o Oscar Gay de 79, soube de antemão que Gal Costa e Maria Bethânia estariam presentes na platéia. "**Aí eu copiei a roupa de Gal e me apresentei com Georgia Bergnstou, fazendo "Sonho Meu". Eu fazia Gal e Georgia, Bethânia. A própria Gal ficou escandalizada, e subiu ao palco junto com Bethânia e as duas me abraçaram e perguntaram se a roupa que eu estava usando havia sido pega no camarim de Gal. Eu estava a cópia fiel dela".**

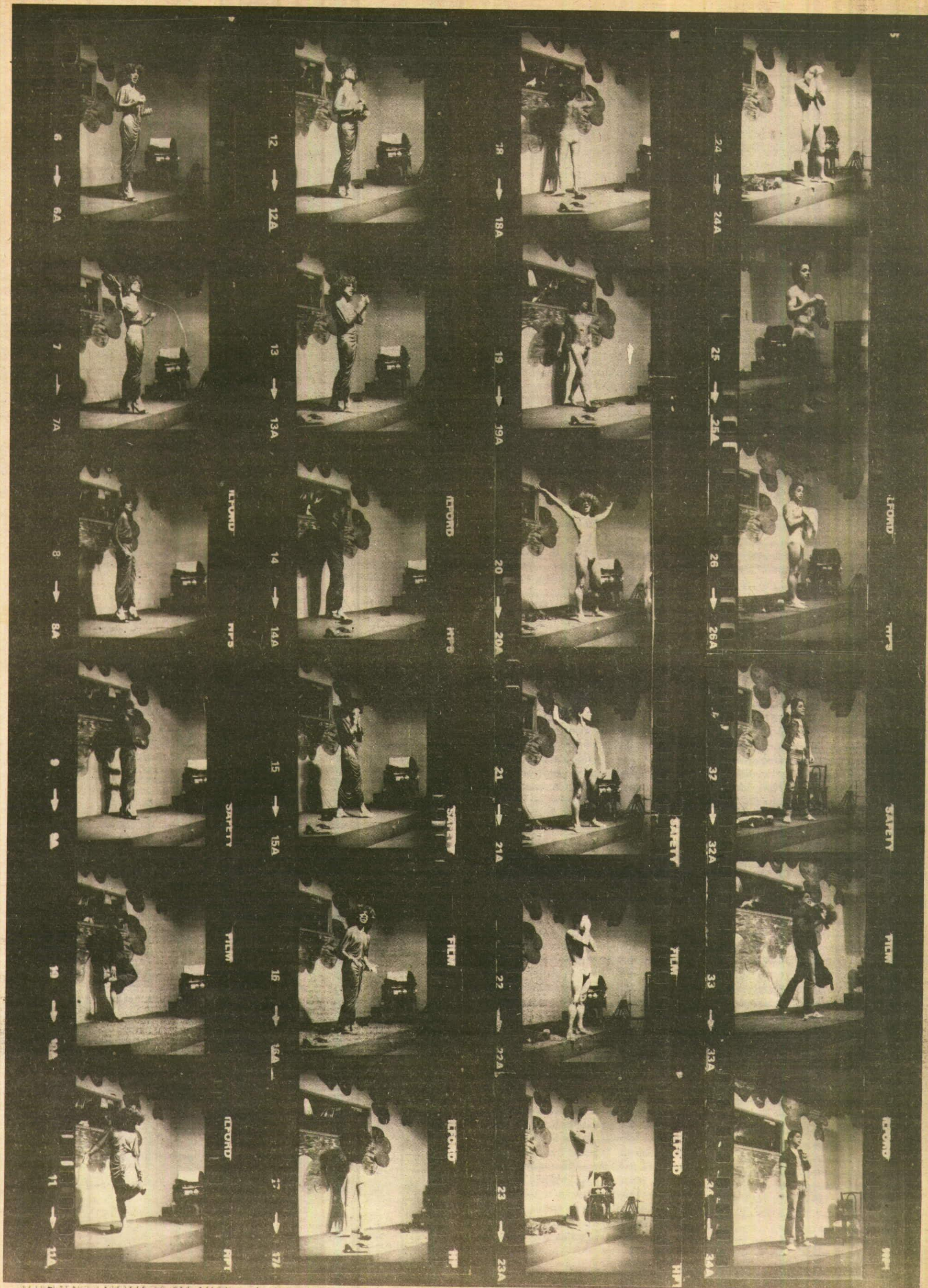
Surge a Gayfieira e Andrea é chamada para inaugurar a casa e faz uma temporada caracterizando Gal. Agora em Gal Tropical. "**Um dia eu havia terminado a minha temporada no Gayfieira, então fui de rapazinho pra curtir, conhecer alguém. O André também precisa dessas coisas. Foi quando conheci o Adão Acosta pessoalmente, sem estar travestido. Cheguei para ele e perguntei: Tudo bem com você? Ele me cumprimentou como se eu fosse um qualquer, e eu falei que estava achando ele muito estranho. E ele me perguntou por quê? Quando estou travestido você fala comigo, bate papo, mil coisas. Agora você tá cortando a minha, "qualé"? Eu sou Andrea Casparelly. Ele de escurinho ficou branco, verde, ficou de tudo quanto é cor, e realmente não acreditou, e eu tive que tecer detalhes, para que ele finalmente acreditasse. Adão ao me conhecer, ficou logo com vontade de transar um show comigo. Em janeiro ele pegou, me ligou e disse: — Andrea pintou o Bifão, que agora vai funcionar como casa gay, e gostaria que você fosse uma das primeiras pessoas a ser convidadas a trabalhar comigo. Você aceita? Eu disse, lógico!**

Com o passar dos meses o elenco do show do Bifão sentiu necessidade de mudar o trabalho. Surgiu então a idéia da Noite do Avesso, originalmente bolada por Orlando Miranda, diretor da Boite Medieval, em São Paulo. "A princípio eu achei a idéia um pouco estranha, porque nunca tinha acontecido comigo, entrar em cena de homem. Eu achava que não tinha nada a ver. Foi aí que comecei a pesquisar e ver realmente como poderia fazer esse tipo de trabalho". Tudo indicava que o mesmo talento que marcou as dublagens de Marilyn Monroe, Gal Costa e Outros, mais uma vez seria impresso neste novo trabalho, que André não cansa de afirmar: "foi uma das coisas mais importantes de sua vida até hoje".

Essa Metamorfose Ambulante

Finalmente é chegada a estréia da Noite do Avesso. Andrea Gasparielly seria a última a se apresentar. Algo de surpreendente aguardava a platéia. Ao entrar em cena, um espanto geral. De onde saíra tão formosa mulher, que ofuscava os olhos dos espectadores que, a esta altura, encontravam-se estarrecidos? O disco começa a rodar e Andrea, docemente, começa a interpretar "It's My Life", da Shirley Bassey. Em gestos milimetricamente calculados e de maneira bastante lenta, algo começa a acontecer. Inacreditável! Uma metamorfose humana! Aos poucos Andrea se desvencilha dos apetrechos e das atitudes femininas e começa a assumir uma postura máscula e mágica. Libera-se, finalmente, da peruca e de seu vestido. Todos aplaudem feericamente.

De sunga, como se tivesse assumido uma nova personalidade, e na realidade assumiu, ao som de "My Way", de Paul Anka, começa a vertir-se. Desta vez, ao invés do longo esvoaçante, veste-se com um **blue jeans** surrado e uma camiseta. Completa seu ritual calçando o par de tênis e sai, sem destino, como um rapaz qualquer. Andrea Casparelly, a esta altura do rito se encontra bem guardada, no fundo de uma grande bolsa de nylon. A platéia delira, várias pessoas choram, inclusive André Marcílio Ferreira, um rapaz de 25 anos, meigo, bonito, que trabalha numa repartição qualquer e que nas horas vagas, para ganhar dinheiro ou se divertir, transforma-se numa formosa mulher.

E assim aconteceria por sucessivos fins de semana, naquele recanto escondido do centro da cidade, até que a necessidade de modificar, novamente, pusesse um fim no rito metamorfósico e desse por encerrada a catarse coletiva. (**Antônio Carlos Moreira**).

Bixórdia

PVB ou PV do B?

Durante o debate sobre prostituição promovido pela Frente Feminista de São Paulo, uma bicha "atacada" apanhou o microfone e pôs-se a criticar o moralismo paternalista do público que sempre se referia às prostitutas como "elas lá"; muito indignada, a bicha encerrou sua intervenção com o mais espontâneo buquê das suas desmunhecações. Em coro, o auditório (90% de mulheres) emitiu gritinhos de "ai, ai"; apesar de as vozes mais finas, o tom era o mesmo dos machões ao ridicularizarem os viados. Pois bem, nenhuma das politizadíssimas bichas ali presentes ousou levantar a voz, pois o grupo se dirigia a um viado do grupo rival... Como já se imaginam às portas do poder, essas bichas agora dão PRIORIDADE às alianças externas, tornando SECUNDÁRIA a repressão à sua sexualidade. Se as coisas continuarem assim, não demora teremos um PVB (Partido dos Viados Brasileiros), um PV do B (dissidência) e naturalmente uma Convergência Bichalista. Todos disputando-se as primissas da "revolução"!

Na entrevista que deu a uma revista de sacanagem, o Frei Bet-to-tto disse que não conseguia aceitar o homossexualismo como uma coisa natural. Aí, o narizinho dele, que já é bem grande, fez tôoing!, cresceu igual ao do Pinóquio. Outra da Madre Bettina: em entrevista a Isto E (notória, hem, queridinha?), disse que os intelectuais devem "conviver organicamente" com a classe operária. Isso, meu bem, a gente já faz há muito tempo. Quando uma bicha entra no buraco do metrô e transa com um metrolino, está "convivendo organicamente" com ele. E nossa transa é muito mais autêntica que essa apregoada por pessoas como você, vampiros de almas proletárias...

• Depois de 26 números, Lampião deu uma desmunhecada e cometeu um erro daqueles que a gente só encontra no Jornal do Brasil: na capa do nosso número anterior, onde se lia "A Igreja e o homossexualismo: vinte anos de repressão", leia-se "vinte séculos". Parece que a maioridade está nos afetando: só a grande imprensa comete erros desse tipo.

Houve tempo em que a expressão "revolucionário de primeira hora" esteve em moda no Brasil; hoje, há os "lampiônicos de primeira hora", caso de Francisco Rodrigues, um dos primeiros assinantes-incentivadores do nosso jornaleco. Agora, dia 18 de agosto, às 21hs., Francisco lança, na livraria Muro de Ipanema, o seu primeiro livro de poemas, crônicas e contos, sugestivamente intitulado "Fumando Espero". Rafaela Mambaba já mandou fazer uma roupa nova, de astronauta, para o arremesso do Chiquinho. Convoca: todas lá!

• **Rafaela Mambaba, autoproclamada** copy-desk **desta coluna, após ler atentamente todas as notas aqui publicadas, comentou: "Primeiro** Lampião **não entrou na tal lista dos jornais comunistas; segundo vocês publicam essa Bixórdia toda; agora mesmo é que vão dizer que a gente é de direita". Ora, Rafa, e você acha que a gente vai se meter nessa briga de brancos?**

Alô, alô, rapaz de sotaque americano que alicia bichas para a Convergência Socialista: recebemos o novo panfleto de propaganda do seu grupo político, onde o Lampião continua sendo bode-expiatório dos seus equívocos ideológicos. Continue assim que você está melhorando. Seu estilo já não tem anglicanismos. Ou será que você arranjou alguma secretária brasileira entre as "companheiras" do partido?

E por falar em Frei Bet-to-tto, não dá mais para aguentar os mitos de direita e de esquerda — desse país. De Pelé ao frade em questão, de Emerson Fittipaldi a Gregório Bezerra, de Eugênio Gudin aos irmãos Villas Boas e cientistas da SBPC (todo o mundo, aqui, é farinha do mesmo saco), é tudo de uma pobreza, de uma velhice assustadora. Em matéria de mitos, o Brasil anda tão por baixo que até o senador Jarbas Passarinho já se atreve a fingir que é um deles... Ah, sim, e os Villas Boas: vocês não acham que já está na hora de a gente ver o que é que eles **realmente** fizeram pelos índios brasileiros?

• Mais uma excelente produção de João Paulo Pinheiro, estreiou em julho no teatro Alaska. Trata-se de "HOLLYWOOD GAY" com texto do lampiônico José Fernando Bastos, figurinos lindíssimos de Hugo Vernon e coreografia de Edson Fahr. No elenco, além de três atores e quatro bailarinos, o talento de Fugika e Ana Lupez, a graça e charme de Kiriaki (muito mal aproveitada), Evellyn e a beleza da internacional Angela Leclery. Vale ver urgente.

• **LAMPIÃO adentrou à sociedade de Belém através da coluna de João Alberto, um jornalista local que deu, aos seus leitores, a dica sobre o que ele disse não ser "apenas um jornal guei, mas um trabalho sério e independente". A nota de João Alberto foi uma espécie de apresentação: brevemente o velho Lampa também estará nas ruas de Belém, fechando o circuito da nossa distribuição em todas as capitais do País.**

A louca da Consolação

"Quem, souber exatamente o que é um travesti que levante o dedo". Porém, cuidado: é preciso pensar bem antes de dar qualquer opinião esteriotipada ou apenas superficial. Em dois artigos anteriores no Lampião **tentei levantar esse "véu diáfano" de muita fantasia e muita porrada e, reconhecendo o meu (ainda) desconhecimento do assunto, que só me permitiu tecer hipóteses, batizei-os com o título de "O Travesti", este desconhecido".**

Marcos Bragato, autor do texto e diretor de "A louca da Consolação" (Teatro Oficina, São Paulo), não responde a tudo, mas acrescenta elementos úteis para a pesquisa dessa marginalidade (?) social, sem dúvida a mais anticonformista e mais fora dos padrões convencionais (?) da sociedade atual. A fim de escapar à facilidade de apenas mostrar o folclore do travestismo, o que sem dúvida não é sua intenção, o autor optou por um discurso que chega a ser literário e quase panfletário. As colocações sócio-políticas devem certamente passar pelas cabeças desvairadas (?) dos travestis sem que, no entanto, eles encontrem palavras para expressá-las. Mas a vantagem do teatro sobre a realidade é que ele se permite recriar ações e colocar palavras e intenções que foram apenas esboçadas na mente.

Assim, a "Louca" transmite intelectualmente o seu recado, contrapondo a essa intenção do texto a ação afrescalhada e euforicamente exteriorizada, tão comum aos travestis (e que, a meu ver, pouco diz muito que ocorre debaixo das perucas). Outra qualidade da proposta de Marcos Bragato é deixar espaços abertos e à descoberto, num tema onde ainda existe muito, se não tudo a pesquisar.

Paulo Braz, um ator e de ótimo visual, interpreta o travesti com boas nuances e contrastes, fazendo notar o cuidadoso "laboratório" teatral que desenvolveu antes de colocar o personagem sob os refletores.

"A louca da Consolação" ficará na Oficina (Rua Jacequal 520, tel.: 32-3039 — SP) até 4 de agosto. Depois, convém consultar a programação nos jornais porque a Companhia do Pecado (assim se chama o Grupo) está à espera de vaga num dos teatros da Prefeitura. (Darcy Penteado).

Só dói quando a gente senta

Atenção, frenéticos devoradores do Lampião: a vocês que contribuem tão intensamente com a nossa Memória Guei, que inundam o nosso Troca-Troca, e que mantêm o nosso reembolso postal e o nosso fichário de assinantes a todo vapor, queremos pedir mais um favor. É o seguinte: um dos próximos lançamentos desta editora será um mimoso compêndio intitulado "A Bicha que Ri", no qual a gente pretende publicar as melhoras piadas — incluindo charges, historinhas, etc. — sobre bichas. E, para que nossa antologia saia à perfeição, é preciso a colaboração de vocês: mandem pra gente aquela historinha que vocês ouviram, aquele desenho que guardaram, aquela charge que mantêm pregada na porta do guarda-roupa, e que sempre mostram ao bofe pra descontrair antes do embate. Aqui na casa, caberá a Francisco Bittencourt julgar as colaborações de vocês com o mais rigoroso mau humor (só as geniais serão aprovadas por ele). Contamos com vocês tá?

E por falar em nossa editora, devemos uma satisfação a vocês: "Histórias de Amor" já está em fase de fotolitagem, junto com o livro nº 2 da Esquina (que sairá junto com o primeiro): "Escola de Libertinagem", do Marquês de Sade. "Homossexualidade e repressão", de Dennis Altman, está sendo traduzido pelo mesmo — e fero — Chico Bittencourt (quem traduziu Sade foi o sádico Aguinaldo Silva), de modo que a gente quer chegar ao fim do ano com quatro livros lançados (incluindo o supracitado "A Bicha que Ri") e mais uma surpresa, que sai em outubro, mas a gente só anuncia em cima da hora pra que não nos roubem a idéia, tudo o que se pode dizer é que é uma surpresa repleta de homens NUS!

Uma pequena voz pessoal

Traduzido e publicado (finalmente) **O Carnê Dourado** de Doris Lessing (editora Record, Rio). Pena o título, que evoca muito mais o pagamento das prestações de um bem inatingível ou aquelas lindas cadernetas em que a avó da gente anotava os nomes dos candidatos à próxima contradança do que os cadernos de anotações através dos quais a história adquire forma. (É engraçado, porque o livro de Rilke não foi traduzido como "Os Carnês de Malte Laurids Brigge" ...)*.

Pena também que as outras traduções publicadas ** pareçam ter sido escolhidas meio ao acaso (quem sabe pelo número de cópias vendidas na Europa e nos Estados Unidos?) e não é de duvidar que **Children of Violence**, uma série de cinco romances (**Martha Quest, A Proper Marriage, A Ripple from the Storm, Landiocked** e **The Four-Gated City**), que Doris Lessing levou dezessete anos para escrever, apareça de trás para diante das livrarias, já que o último título é tão famoso como o **O Carnê Dourado.** Talvez isto não tenha importância: como ela mesma diz no prefácio, a única maneira de ler é apanhar os livros que nos atraiam e ler apenas estes. Mas talvez tenha, porque desde seu primeiro livro (**The Grass is Singing**, 1951), um tema a atormenta, além da preocupação constante com a condição da mulher: o das relações injustas entre brancos e negros na África do Sul.

Doris Lessing nasceu na Pérsia em 1919, de pais ingleses, mas aos cinco anos de idade mudou-se para a Rodésia onde seu pai tornou-se fazendeiro. Durante quase trinta anos ela conviveu com uma sociedade montade sobre a exploração da imensa maioria nativa por um pequeno número de brancos, uma sociedade dividida pela "barreira racial", e foi certamente esta convivência que a tornou tão sensível a qualquer tipo de relação de dominação. Essa sensibilidade é maravilhosamente expressa neste livro que de certa forma concentra um pouco de todas as inquietações desenvolvidas ao longo de sua obra: com as mulheres, certamente, mas também com as crianças, os loucos, os homossexuais, os judeus, os perseguidos políticos — e vários outros seres subordinados ou de alguma forma estimagtizados em nosso mundo.

Mas o que é importante, e parece ser o que ela lamenta não ter sido compreendido pelos críticos deste romance, é a sua preocupação por expressar sempre, ou pelo menos evocar, todos os tons de que é composto este par dominação/subordinação que atravessa todas as relações em nossa sociedade — o que inclui a dominação dos que são subordinados ou a subordinação dos dominadores, para não falar em combinações mais elaboradas. Neste livro encontramos tanto uma aguda percepção das dificuldades que uma mulher "livre" encontra no seu relacionamento com os homens — os mal-entendidos, os desencontros, as frustrações mútuas — como a delicada descrição das tensões presentes nas relações entre mulheres, ou entre mulheres e homossexuais. O que parece surpreendê-la muito é a utilização de suas palavras como bandeiras de luta, é o resumo indelicado e pouco sutil ("O livro que lhe dará novas armas na guerra entre os sexos", dizia uma das capas deste romance) de uma tentativa penosa de apreensão global de todos os elementos que compõem uma situação, incluindo-se aí uma lúcida e constante autocrítica, e uma permanente ironia, a respeito de sua própria visão do mundo. Isso porque suas palavras não assumem nunca um tom panfletário e porque Anna, a personagem central, parece caminhar o tempo todo, de maneira insegura, nos espaços estreitos entre os abismos de certezas que a rodeiam, tentando não bloquear as brechas, as rachaduras em sua imagem, através das quais logo de novo possa passar.

E é justamente esta tentativa de se manter aberta à possibilidade de criação de um novo ser humano enquanto é tempo — apesar de todo o cinismo sofisticado e amargo aprendido com a experiência política — que torna a leitura de Doris Lessing tão atraente, e seus personagens tão vulneráveis. Personagens que parecem ter uma triste consciência de que caminhamos para um fim trágico (como em **Memórias de um Sobrevivente**) mas que, como sua autora diz, insistem em resistir, em sobreviver, **como se.**

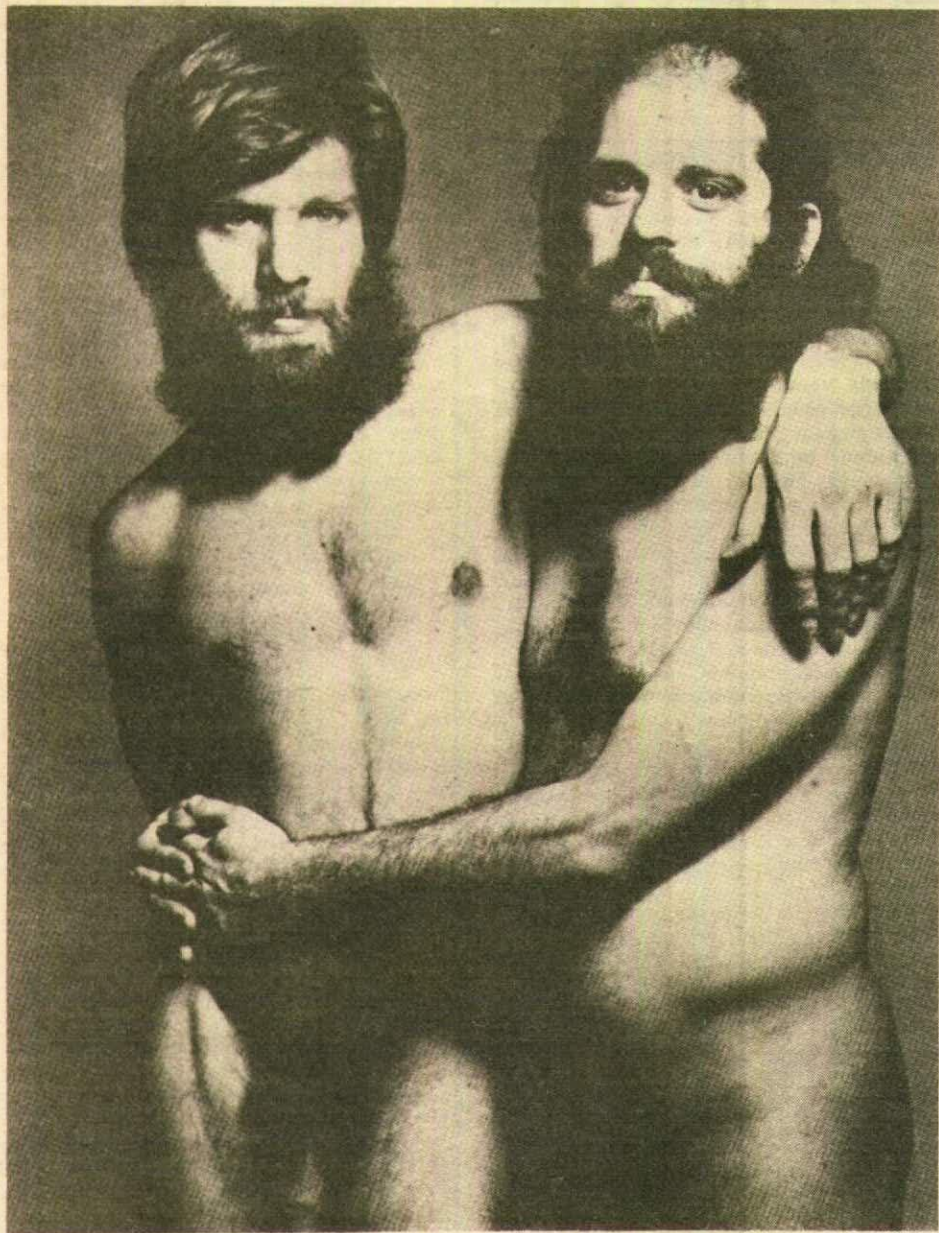
Por isso, é uma pena também que seus livros não estejam sendo traduzidos numa certa ordem, porque eles formam uma unidade nascida de um processo que é também a história do nosso tempo. Lendo a Doris Lessing dos últimos anos em São Paulo ou no Rio, parece fazer sentido a tradução agora de um livro de dezoito anos e tão cheio de problemas novos ainda. Mas lendo suas histórias africanas na Bahia ou no Maranhão, ela se torna muito mais próxima, é muito mais aguda a possibilidade de comparação, de surpresa perante uma semelhança que talvez devesse nos envergonhar entre a África do Sul e o Nordeste brasileiro.

A face externa deste processo que é a sua trajetória literária não é muito difícil de acompanhar: a infância na África, a chegada na Inglaterra (1949), depois de dois casamentos e três filhos, a participação no Partido Comunista Inglês e a desilusão com a sua ortodoxia e autoritarismo etc., cada um desses marcos de sua história pessoal produzindo uma visão mais profunda da realidade imediata — como a fascinante etnografia da vida inglesa (**In Pursuit of the English**, 1960) ou da vida na Rodésia (**Going Home**, 1957). Mas há um aspecto interno dele que não é tão facilmente perceptível e a origem do fascínio de Doris Lessing parece estar nessa capacidade de recriar em quem lê o som de uma voz que **sabemos** ter ouvido alguma vez, a cor de uma paisagem que já visitamos, lembranças esquecidas, soterradas, e que graças a ela nos são restituídas. É o lento e minucioso mapeamento deste território interior (que tantas vezes se confunde e se sobrepõe ao território africano de sua infância: os vermelhos e azuis brilhantes, tão perto da mão de uma criança graças às fendas nas paredes das casas) que é possível acompanhar ao longo de seus escritos. Particularmente através dos contos***, que ela adora escrever e insiste em que continuará a fazê-lo mesmo que o mercado de livros na Inglaterra seja mais favorável a publicação de histórias longas. De forma concentrada nestes contos, mas também em alguns romances como **A Cidade de Quatro Portas** ou nas **Memórias de um Sobrevivente**, parece com freqüência a experiência de Anna, do **Carnê Dourado**, à procura de seus sonhos, ou de Ella, personagem de Anna, fitando um lago interior onde se refletem suas descobertas do mundo exterior.

Esta busca, esta tentativa de acompanhar caminhos pouco percorridos, não nomeados, de uma paisagem que apesar disso reconhecemos, nasce da persistência de Doris Lessing em fazer ouvir a voz do escritor, que ela chama de 'uma pequena voz pessoal', como parte da luta pela criação de um homem novo que reconheça tão bem seus horizontes externos quanto as suas fronteiras internas. "Estou convencida, diz ela, de que nós todos estamos diante de uma porta aberta e que há um novo homem por nascer, que não tenha sido deformado pelo trabalho humilhante; um homem cujo orgulho como homem não será medido pela sua capacidade de suportar trabalho e responsabilidades que ele deteste, que o enojem, que sejam mediocres em relação ao que ele pode ser; um homem cuja força não será freada pelos valores da mística do sofrimento. "As palavras de Doris Lessing nos ajudam a manter a esperança de que tal criação humana seja possível. (Mariza).

* R.M. Rilke, **Os Cadernos de Malte Laurids Brigge**, ed. Nova Fronteira, 1980

** Doris Lessing, **Roteiro para um passeio ao inferno** (de 1970), ed. Nova Fronteira, Rio; **O Verão antes da Queda** (de 1973) e **Memórias de um Sobrevivente** (de 1974), editora Record, Rio.

*** O único conto traduzido de Doris Lessing de que tenho notícia é "O dia em que morreu Stalin", tradução de Tite de Lemos, na Revista **Senhor** de julho de 1962. Há dois volumes, publicados pela Panther inglesa, que reunem as suas histórias sobre a África (**Collected African Stories**) e outros dois, da mesma editora, que reúnem a maior parte de seus contos (**Collected Stories**). Estes livros e seus romances não traduzidos podem ser encontrados em algumas livrarias. (**Mariza**).

Vejam que preciosidade!

Winston Leyland, que uma bicha patrícia já chamou maldosamente de "a papisa do movimento gay", e que, na verdade, além de editor do Gay Sunshine, de San Francisco, é um grande amigo do pessoal aqui de casa, continua com a sua Gay Sunshine Press de vento em popa. Agora mesmo ele acaba de lançar um livro que é uma preciosidade: "Straight Hearts' Delight", reunindo "love poems and selected letters" de Allen Ginsberg e Peter Orlovsky. O primeiro, todo mundo conhece, é um dos maiores poetas norte-americanos, uma das cabeças do "beat generation", junto com Jack Kerouak. O segundo, além de amante do primeiro há um porrilhão de anos — mais de 20, seguramente —, é outro poeta importante.

Só pra que vocês (**vocês**, quer dizer, as que lêem inglês) tenham uma idéia, a gente transcreve aqui o poema "C'mon Jack, turn me on your knees..." de Ginsberg: "C'mon Jack/Turn me on your knees/Spank me & Fuck me/Hit my ass with your hand/Spank me and Fuck me/Hit my hole with your fingers/Hit my ass with your hand/Spank and fuck me/Turn me on your knees/Ah Robertson it's you/Yes hit my ass with your hand/real hard, ass on your knees/Sticking up hard harder slap/Spank me and Fuck me/Ah I'm coming fuck fuck me/Got a hard on Spank me/When you get a hard on Fuck me". A foto acima, dos dois amantes/e/autores do livro, ilustra o próprio. Quem quiser comprá-lo, escreva para a Gay Shunshine Press: Box 40.397, San Francisco, CA 94140 USA. O preço é US$ 8,95. Vale a pena.

CARTAS NA MESA

Bonifácio ou Bias?

Amigas lampiônicas. Estamos aqui intensamente aflitas com os bordados, arranjos, e maquilagem, já que estamos próximas à tão esperada data de eleição da MISS GAY 80. Barbacena embora fria/ Politicando a valer/Ainda é palco da folia/ Se gostas, que venhas ver." O nosso maior problema, queridinhas, é a divulgação, mas confiantes nestas penas liberais que fazem do "Lampa" o grande dinamo da imprensa alternativa brasileira, reforçamos através desta cartinha o nosso carinhoso convite, venham conferir o nosso clima, nossas rosas, e lógico, a nossa festa.

Os ventos da Liberdade voltam a soprar na Serra da Mantiqueira, e animados por eles nasce a desinibida SOCIEDADE PURPURINA, que, denomina pelos brilhos e pela alegria, promove no dia 27 de junho, na Boite Hirondelles, o estonteante concurso "MISS GAY 80", às 23 horas. É com muito prazer que o convidamos para fazer parte do corpo de jurados que elegerá a nova Rainha da Vida Barbacense. Antecipadamente gratos à sua participação, subscrevemo-nos, pela Comissão Organizadora..

Lukas Buganvília e Timótheo Sammambaya — Barbacena, MG.

R. — Queridas flores serranas: vosso convite chegou com um imperdoável atraso, e por isso só podemos falar de vossa festa depois que a mesma se realizar (esperamos que com o maior brilho). Da próxima vez, excelentíssimas safadas, façam o favor (ai! Ou a gente dá pinta ou capricha nos pronomes; as duas coisas, não dá) de convidar com uma antecedência bem maior, que a gente aqui está louca para conhecer os desvãos escuros da Serra da Mantiqueira, devidamente cicero-neados pelos rapazes de lá...

Sem instrução

Oigatê indiada macanuda tchê! Gente o negócio é o seguinte: quero aproveitar a chama do **Lampião** para ver se a mesma clareia um pouco o Rio Grande do Sul. Acontece que todas as vezes que pego no **Lampião** fico na ânsia de ler a notícia de que no Rio Grande do Sul foi fundado um grupo, desses que tem em SP/RJ/BH/, etc. Mas não, procuro, procuro e nada. Então penso: tem e o **Lampião** não dá a notícia (acho impossível). Agora eu pergunto, será que no Rio Grande do Sul não tem oprimidos? (bichas, negros, etc.). Meus irmãos, vocês não acham que está na hora de pegar o laço, calçar as esporas e sair pra luta? Ficar sentados tomando chimarrão, só, não dá.

Vocês não sabem como eu ficaria alegre, feliz, etc., quando fosse ali na Praça 15 (a do "chalé"; aproveito para dar a notícia que na banca da praça sempre tem o **Lampião**, vão lá. O nosso querido **Lampião** está lá sempre aceso) comprar o meu querido **Lampião** e nele estivesse a notícia que no Rio Grande do Sul foi fundado um Grupo de ação para a desopressão. Gente, quantas vezes pensei em montar um grupo, mas não tenho condições; sou pobre, trabalho de sol a sol, não tenho quase instrução (Tirem suas conclusões, lendo esta).

Mas não pensem que fico parado, não, quantas vezes já saí levando o **Lampião** na mão, para clarear a vida de gente oprimida, gente que nem sonhava com a existência do Lampa, e sempre que for possível estarei divulgando, fazendo os meus irmãos verem que não estamos sozinhos. Portanto, fica aqui o meu apelo. O meu abraço especial a todos, abraço este de gaúcho, assim, tipo quebra-costelas.

Jocava — Esteio, RS.

R. — Barbaridade, Jocava; trilegal a tua carta, tchê. É o segundo gaúcho que, neste número, nos questiona sobre a (in)existência de um grupo ativista em terras farroupilhas. Chico Bittencourt, gaúcho como você, todos os dias medita sobre isso, aqui na redação, enquanto saboreia o seu interminável chimarrão pacientemente preparado pela Rafaela Mambaba: porque não há ativistas em POA? "Talvez", diz o Chico, "porque o clima é mais saudável". Talvez, diríamos nós, porque o machismo gaúcho é mais terrível (vide "A Intrusa", o filme de Christensen, uma obra prima sobre o tema). De qualquer modo, ativismo guei no Rio Grande do Sul é o que não falta; você, quando sai divulgando o Lampa, está fazendo exatamente isso: ativismo; e não é a instrução o que nos torna ativistas, querido; pelo contrário, ela até atrapalha, pois acrescenta, às necessidades mais imediatas das pessoas, questões metafísicas, angústias existenciais que só servem para atrapalhar. Veja o exemplo de Lula, o magnífico metalúrgico (atenção, queridinhas: nada a ver com o PT): por não ter instrução (felizmente) vai direto ao assunto; angústias existenciais, questões metafísicas, ele deixa para o bobo de sua corte, o Frei Betto...

Hotel barato

Senhor Redator: Venho denunciar o Hotel Alteza Jatiuca, em Maceió, Alagoas, que estão se negando a aceitar hóspedes que a gerência arbitrariamente qualifica de "homossexuais". Trata-se de revoltante discriminação, tão mais revoltante quando baseada em dados que só se situam na parcialidade de julgamento de uma gerência inepta, que, contrariando todos os princípios legais vigentes, se permite separar hóspedes por **categorias** ou **estados** jamais previstos no Código Civil Brasileiro.

O homossexualismo não tendo nenhuma característica particular assinalada e/ou punida em nossa legislação; **não cabe à gerência de nenhum estabelecimento comercial** recusar clientes alegando tal estado. O inqualificável gerente do Jatiuca Palace, que assim está agindo, pode e deve ser processado, pois hotel é estabelecimento público de prestação de serviços, e **não compete a** gerente algum recusar hóspedes por razões que a lei desconhece e que só a ele, gerente, perturbam ou inquietam. Gerente de hotel não é **censor de costumes** nem **juiz de opções**, se censura de costumes existe ou jamais existiu realmente...

Trata-se, é verdade, de um fato isolado, ocorrido numa pequena mas prazerosa capital do nordeste, que com muito atraso está despertando para o turismo, para o progresso e talvez para a vida... **Muito atraso** eis como poderia ser classificada a atitude do gerente do Jatiuca Palace. Mas, arbitrariamente policialesco ou atraso provinciano, uma atitude que deve ser denunciada com veemência, pois a todos nós cumpre assinalar o ilegal, o pernicioso, o mesquinho, o retrógado, o anti-social. E, nenhum melhor veículo para o nosso protesto que Lampião, que com tanta coragem vem se batendo pela defesa da liberdade coletiva e individual.

Rodrigo Argollo — Rio.

Bicha religiosa

Queridos lampiônicos: confinando na abertura deste jornal a todos os assuntos que dizem respeito ao homossexual e também querendo tocar num assunto que (por medo de sermos tachadas de carolas, caretas etc.), não se discute com muita freqüência mas que também é vital, resolvi escrever esta carta que, se não puder ser publicada, espero que possa servir como dica para algum comentário sobre o assunto: é sobre bichice e religião (não é um "tratado de Teologia", apenas uma curta reflexão que me parece não se apenas minha mas de muita gente por aí).

Penso que a mais "atéia" das pessoas não passa uma vida inteira sem questionar-se com relação a um "Sentido Último" da vida, a um Deus. Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc.) esta questão (apenas esta?) parece ser um pouco confusa. Por quê? Primeiramente porque a sociedade machista nos impõe escalas de valores, ideais e mesmo religião segundo o que ela mesma experimenta e vive, sem levar em conta a nossa "diferença". Se a bicha está preocupada com Deus, ou seja, se uma parcela marginalizada da sociedade quer ter um relacionamento com o transcendente (seja a Ele dado o nome que for), de início ela vai ter que negar (ou sair de) sua condição; isto se confunde muito com o termo "conversão"; se vivêssemos num outro sistema de vida, os assaltantes, os revoltados talvez pudessem inexistir (?!), mas como pode um negro deixar de ser negro? Como pode uma bicha deixar de ser? Como pode um adolescente não ser inconstante?

E, no entanto, não queremos abrir mão do nosso direito à vida, mais, do nosso direito de procurar um sentido para a vida. Será que, para crer em Deus, preciso negar minha bichice? Quando falo de meu relacionamento com Ele, posso responder um não a esta pergunta mas, e na hora de explicitar essa crença? Digo isto porque, para mim, crer em Deus não é apenas crer mas fazer de **Cristo** um modelo de vida, mais, encontrar Nele um sentido para a minha vida. Preciso explicitar minha fé (como compromisso social) e, muitas vezes a sociedade não deixa: "Onde já se viu uma bicha religiosa?" "Vê se deixa essa vida..." São frases que já ouvi e que não gostaria de ouvir mais.

Será que até mesmo o nosso relacionamento com o Transcendente, com Aquele que dá sentido à nossa vida, tem que ser feito segundo o "modelo" heterossexual?

MAPM — Niterói.

Novo assinante

Queridos lampiônicos, acabo de comprar o Lampião do mês de julho, nº 26. Sou leitor assíduo desse jornal e só agora me toquei sobre fazer uma assinatura, depois de ler o anúncio do aumento do preço (cruzes, que bicha econômica e pirangueira). Sempre compro o jornal na banca próxima do lugar onde trabalho, mas hoje me apercebi da comodidade de recebê-lo mensalmente em minhas mãos. Não que eu me grile com os olhares atravessados que partem em minha direção, todos os meses, quando chego naquela banca e grito: O LAMPIÃO POR FAVOR; muito pelo contrário, às vezes é até uma forma de fisgar alguém por perto, que ouve o pedido e já vai se interessando por uma pessoa tão assumida ou tão pintosa. Nunca arranjei nenhum namorado dessa forma, mas bem que já fui paquerado muitas vezes. Falando de coisas menos sérias agora: estou enviando um cheque, que se destina a uma assinatura do jornal por período de 12 meses. Não estou enviando recorte do jornal, pelo fato de não desejar que a reportagem sobre o "Gran Delegado" seja decapitada, principalmente pelo fato de fato de que passo o meu jornal, após lê-lo, para alguns amigos, e eles não iriam poder ler toda a reportagem. Sei que vocês compreenderão o fato (Freud explica?!) e enviarão meu jornal brevemente.

Josemilson B. — Recife

R. — Queremos que haja muitos leitores "econômicos e piranguei ros" como você, Josemilson, pois Lampião está em plena batalha por novos assinantes. A gente só lamenta que você, depois de ler o seu jornal, empreste pros amigos; diga a eles que comprem, ou melhor ainda, que assinem, como você, pois assim o Lampião poderá continuar, firme e tranqüilo, a atravessar os procelosos períodos delfinianos que ora temos a infelicidade de enfrentar.

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.

Novas mortes

Volto a lhes escrever para dizer da minha alegria, ao receber o nº 25. Para mim infelizmente é o 2º; digo infelizmente por mim, porque cheguei atrasado, porque minha vontade e o meu maior desejo era possuir todos os números do Lampa. Apenas fiquei um pouco magoado por não ter lido o meu pedido publicado na seção Troca-Troca, pois eu me sinto terrivelmente só; por incrível que pareça, eu me sinto como se estivesse em um deserto. Uberlândia com 300 mil habitantes, e a gente sente solidão.

Para mim é muito triste saber que mais três homossexuais foram barbaramente assassinados e que poucas providências estão sendo efetuadas, ou quase nenhuma. Mas isto não me surpreende, já que aqui em Uberlândia, há 8 meses o jovem gay Jorge Borges de Oliveira foi morto com 17 facadas. O que mais me espanta e me apavora é que ninguém disse nada, nenhum órgão noticioso se manifestou, foi como se um cachorro tivesse sido encontrado em uma vala num terreno baldio, pois foi assim que encontraram o pobre Jorge. Pois bem, não parou aí; um mês depois um travesti daqui de Uberlândia foi morto também, a facadas, em Ituiutaba. Também ninguém falou nada. Na mesma ocasião um meu grande amigo (que já está providenciando sua assinatura do Lampião) levou 8 facadas, escapando da morte por milímetros, aqui na vizinha cidade de Araguari, sobre este os jornais de lá divulgaram muito, pois é professor muito conceituado lá.

Mas o que me entristece, aborrece e revolta, é por que esta discriminação com os homossexuais? Eu sempre fico observando o nosso ambiente, e fico feliz, por ver que num mundo de tantos preconceitos e violências, as bichas vivem espalhando alegria e amor. Eu pergunto, já pensou que mundo maravilhoso seria se a maioria fosse homossexual? Temos a esperança e a firme convicção que os martírios de Luiza Felpuda, Bamba, Milton, Jorge e Cremilda (este último morto em Ituiutaba) não será em vão.

Brevemente chegarão aí vários pedidos de assinaturas daqui e da região; todos pularão de contentes por saber que existe o **Lampião** iluminando nossas esquinas da vida. Uma sugestão: Porque vocês não deixam um cantinho para os aniversariantes do mês? Podem começar com o meu, que é no dia 21.7.

José Clóvis — Uberlândia, MG.

R. — **O tempo está quente na tua região, hem, Clóvis? Duas mortes e um que escapou por milagre! É isso aí. Enquanto, nos grandes centros, o ativismo homossexual se mostra paralisado devido à excessiva preocupação com a política, no resto do país as bichas estão sendo sumariamente executadas pelo sexismo... Como você vai notar no tom desta seção de cartas, estamos em plena campanha por novas assinaturas; e as de Minas, meu amor, são especialmente benvindas. Mande o pessoal assinar o Lampa, Clóvis! O teu pedido para o Troca-Troca entrou na fila; é até possível que saia já neste número. A sugestão para o cantinho dos aniversariantes não pode ser aceita: eles seriam centenas, a cada mês, querido! De qualquer modo, parabéns procê, viu?**

Ainda a Felpuda

Olá pessoal, quem lhes escreve é um incansável admirador deste insuperável Lampião da Esquina! Às vezes fico puto da vida com algum dos artigos publicados por vocês. De qualquer maneira, continuaria apoiando o trabalho de vocês. Bem, vamos a alguns comentários e pedidos. Acho esta tal de Rafaela Mambaba de uma pobreza sem tamanho. Quantas mentiras e bobagens naquela entrevista fornecida por ela! Acredito que não deva passar de uma reles piranha metida a intelectual.

Agora, querem fazer da Luiza Felpuda uma mártir. Não há nada que justifique a violência, a morte estúpida que ele teve. Mas que não era nenhuma santa, isto todos sabem! Vivia de explorar pobres bichas e de chantagear pessoas importantes. Têm toda a certeza quando dizem que a casa dela era um ninho de vespas, um local de comprometimentos.

Lamentei profundamente não poder estar presente no 1º Encontro Nacional de Homossexuais. Tirando toda aquela frescura típica da classe, considero o encontro de suma importância. Por que não encontros mais constantes? Ressinto-me de não haver em Porto Alegre nenhum grupo organizado. Porto Alegre, uma cidade bastante grande, já comporta coisas deste gênero. Os locais tipicamente homossexuais são também de uma pobreza total. Gostaria, portanto, que vocês estimulassem os gaúchos.

Uma boa notícia é o jornal de vocês e de todos nós, exposto em muitas bancas de jornais e revistas aqui na capital dos Pampas. Quanto a pagá-lo, podem ter certeza, faço isto com o melhor prazer. Não empresto os meus (coleciono e não abro mão deles!) e quase forço meus amigos a comprá-lo. É um grande mal, bicha não lê, só pensa em frescuras.

Minha vontade de participar é enorme. Até penso em pedir remoção para São Paulo. No mais, meus votos de que continuem em seus propósitos e, tenham em mente, que aqui encontrariam um forte colaborador. O meu ídolo Darcy Penteado, frequentando a Luiza Felpuda! Isto deixou-me triste desapontado. Até breve e aquele abraço.

Walter Pereira — Porto Alegre.

R. **Waltinho, querido, Rafaela, bem aqui do meu lado, pede pra escrever que ela lhe retribui os elogios. Sobre a Luiza Felpuda: talvez você tenha razão (há quem diga cobras e lagartos da coitada), mas "não há nada que justifique a violência, a morte estúpida que ela teve". O I EBHO foi ótimo, apesar dos traumas intergrupais que provocou; no próximo, a gente espera que tenha mais tesão e menos encucação. Lampião, via o nosso distribuidor, o Coojornal (leiam e assinem também), invadiu Porto Alegre. Espera-se que o pessoal daí funde brevemente o seu grupo, mas, por favor, sem complicar muito, hem gente? Abraços pra você também, amor.**

Recife falando

Queridos lampiônicos: através desta carta, que, esperamos, seja a primeira de uma série futura de comunicações e intercâmbio, queremos pedir ao conselho editorial deste jornal uma pequena nota de divulgação da existência, aqui em Recife, de um grupo de homossexuais, que há algumas semanas se reúne com a finalidade de agrupar homossexuais masculinos, femininos e pessoas simpatizantes, com o objetivo de lutar juntos por nossa causa e contra a repressão.

Trata-se do GATHO — Grupo de Atuação Homossexual, que surgiu a partir de fatos ocorridos nesta cidade e que nos alertaram para a necessidade de tentar combater a violência contra homossexuais, em casos em que as vítimas (homossexuais) acabaram aparecendo como réus. Após a morte do bailarino Tony Vieira (assassinado pelo amante) e do músico Bamba (também vítima de assassinato), que sendo vítimas e por serem homossexuais, acabaram como culpados de suas mortes, um grupo de amigos se reuniu em torno da questão e principalmente motivados pela publicidade negativa feita contra os respectivos assassinados, resolveram congregar pessoas na tentativa de fazer voz forte (ou pelo menos tentar) contra estes procedimentos repressivos e machistas da imprensa local.

Sendo assim, dentro de pouco tempo o número de pessoas foi aumentando e se constituindo numa força conjunta de objetivos e necessidades, culminando com a redação de objetivos comuns, e a escolha de um nome que desse condições ao grupo de se identificar.

Reunimo-nos semanalmente, aos sábados, às 19h, no Centro Luiz Freire, localizado em Olinda, e debatemos os nossos problemas preliminares de organização, para que depois de organizados possamos realizar um trabalho sério, de boa qualidade e com bases sólidas, na tentativa de se não resolver, pelo menos marcar a nossa presença como grupo atuante dentro do sistema e contra a discriminação.

Esperamos que outros grupos de toda parte do país se comuniquem conosco, mandando os seus endereços e nos ajudando, assim, a reforçar a luta geral pela nossa causa maior. Estamos certos de que podemos contar com a colaboração de vocês e agradecemos desde já a força que nos puderem dar.

Gatho — Recife.

O insólito rendez-vous de Maria Felix com Che Guevara

O romance de Manuel Puig, **O Beijo da Mulher Aranha** (Codecri, 1980, trad. Gloria Rodriguez, lançado na Espanha em 1976), nos introduz à intimidade de dois universos que, por circunstâncias especiais, são obrigados a compartilhar o mesmo espaço: uma cela na penitenciária de Buenos Aires, no ao de 1975. A ela Valentin e Molina foram condenados por motivos totalmente diversos: o primeiro por terrorismo; Molina, por corrupção de menores. Em conivência com o diretor da penitenciária, e sob a promessa de receber indulto, Molina é transferido para a cela de Valentin a fim de obter dele informações sobre os grupos guerrilheiros. São colocadas assim, frente a frente, duas ideologias aparentemente opostas e contraditórias: a do marxista engajado na guerrilha e a do homossexual que sonha e sofre em função dos mitos forjados pela sua vivência.

Com o tempo e o espaço suspensos pela realidade de uma prisão, Molina começa a tecer uma trama finíssima mas resistente, através da narração de filmes que visam a preencher o tempo dos protagonistas, assim como o espaço do romance. Valentin é a primeira "vítima" da secreção narrativa de Molina e, simultâneamente, nós leitores, nos entregamos ao mundo da imaginação e do prazer sugeridos pelos argumentos cinematográficos. Nós também somos presas da sedução verbal mediatizada pelas narrativas centradas em heroínas românticas das décadas de 30 e 40: sedutoras, vítimas de maldições, espiãs, mulheres fatais, etc.

Seguindo a tradição instaurada nos seus três romances anteriores (**A tradição de Rita Hayworth, Boquinhas Pintadas, The Buenos Aires Affair,** todos eles já traduzidos ao português), Puig pode ser considerado um verdadeiro demolidor de mitos. No caso deste romance, é colocada em xeque a mitologia da esquerda — via Valentin —, através dos seus desejos, ideais, conflitos e frustrações, e os mitos do mundo heterossexual em relação à homossexualidade.

Os valores inicialmente em oposição, através das duas personagens, são o **discurso político** vs. o **discurso do prazer**. Valentin logo de início representa a censura repressora. Ele esmaga as possibilidades do discurso do prazer, preferindo a sisudez do discurso racional; um mundo de valores onde a moral da "reflexão séria" e dos estudos teóricos, visam a obliterar o prazer e a fantasia, qualificados por ele como "besteira". Valentin forja uma imagem de si mesmo cartesiana-engajada, onde tem que prevalecer uma lógica de pensamento coerente, argumentativa e acima de tudo, racional.

Apesar do fascínio que a narrativa de Molina sobre um filme da época nazista lhe causa, nele é imperativo o julgamento: "uma imundície nazista". Se por um lado Puig constrói uma mitologia gay através do gosto **camp** (cafona) das heroínas românticas com as quais Molina inevitavelmente se identifica, Valentin reproduz às avessas o mesmo esquema. No cap. VI, e através do artifício do fluxo de pensamento interiorizado, Valentin mostra o reverso da medalha do heroísmo romântico com o qual ele se identifica: heróis da guerrilha, intelectualizados, dedicação total à causa, consciência plena dos esquemas de exploração, etc. Os mitos do celulóide que ecoam no corpo e na voz de Molina, equivalem às aspirações heróicas do guerrilheiro Valentin: duas utopias de um mundo colonizado, onde Maria Félix e Che Guevara se complementam e acham um lugar comum.

Manuel Puig

"O Beijo da Mulher Aranha" também está no nosso reembolso postal. Quem quiser receber o livro de Puig, é só pedir à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda., Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ. O livro tem 246 páginas e custa Cr$ 290,00.

Neste confronto de personalidades, Valentin recria dentro da cela, aquilo que ele mesmo tenta combater na sociedade: a figura de explorador. Inconsciente disto, ele afirma: "Aqui ninguém oprime ninguém" (175), quando na realidade ele reproduz, entre as quatro paredes, o estereótipo da relação heterossexual machista: ele é cuidado por Molina, de quem exige continuamente produção: produção narrativa, produção culinária. Por sua vez, e simbolicamente, ele vem a preencher um dos mitos mais arraigados na psique de Molina, de um feminino estereotipado: sustentar o bofe, submeter-se a ele; Molina almeja ser mulher-objeto, ter, por função, dar prazer ao outro. Ao questionar sua submissão, responde Molina: "Mas se um homem... é meu marido, ele tem que mandar, para se sentir bem. Isso é natural, porque então ele... é o homem da casa" (210).

Puig é implacável na apresentação de uma tipologia das personagens. Cabe perguntar. Há lugar para a salvação? Sim. Fiel à tradição do romance folhetinesco, a redenção só pode se dar através do amor. A partir do sexto capítulo, o universo racional de Valentin começa a ruir. Aos poucos vai-se criando uma fissura que permite a penetração de Molina no mundo de Valentin, na medida em que a narração dos filmes — uma grande vagina — gradativamente vai absorvendo Valentin. Sua dependência em relação aos relatos é cada vez maior; e se no início Valentin questiona certos esquemas "reacionários" propostos pelos filmes, no final sua fortaleza argumentativa começa a desmoronar. Hipnotizado pela teia narrativa do penúltimo filme (**A volta da mulher zumbi**, inspirado provavelmente em **I walked with a zombi**, prod. Val Lewton, 1944), ele nem chega a questionar o paródico argumento da exploração colonialista, em que um americano mantém, em regime de escravidão, um séquito de zumbis numa ilha do Caribe, a fim de aumentar a produção de bananas. Gradativamente, Valentin acaba assimilando e até reproduzindo o repertório de Molina. Uma das maiores dificuldades de Valentin é a de verbalizar seus sentimentos, por ele qualificados, no início, como "fraqueza" (39). Perante a notícia da saída de Molina, seu corpo se manifesta antes que sua mente: "Não sei, meu estômago se fechou com a notícia"; aos poucos, a camada racional de Valentin vai-se desarticulando, para dar lugar aos sentimentos e ao prazer.

Chegamos ao centro da tessitura da aranha, onde se produz o belíssimo encontro dos corpos. A fusão das personalidades se realiza da maneira mais notável: Molina procura no seu próprio rosto sinais pertencentes ao rosto de Valentin:

(Molina) — Agora sem querer botei a mão na minha sobrancelha à procura do sinal.

(Valentin) — Qual sinal?... Eu tenho um sinal, você não.

(Molina) — Sim, já sei, mas botei a mão na minha sobrancelha para tocar o sinal... que não tenho (189)

Vemos como os opostos se anulam, a alteridade se dilui. Há um profundo processo de identificação, gesto antropofágico por excelência, mediatizado pela 'devoração' sexual: "Ou que eu não era eu. Que agora eu... era você", balbucia Molina.

A sucessão dos eventos faz das personagens, inicialmente em oposição, uma relação cruzada: não só pelo caráter dramático do envolvimento, mas pelo imprevisível desfecho. Neste sentido, o domínio da narração folhetinesca é perfeito: a intriga adquire um ritmo vertiginoso; os filmes têm cortes nos momentos de maior suspense, criando "ganchos" para dar continuidade nos capítulos seguintes, aguçando assim nossa curiosidade.

Paralelamente, alguns capítulos vêm acompanhados de extensas notas de rodapé, que recuperam as mais diversas teorias sobre a homossexualidade. É um discurso científico, uma espécie de marginália teórica, distanciada da ficcional, e que passa por Freud e seus seguidores, Melaine Klein, Marcuse, Denis Altman e outros. A função didática é inegável, diversificando a impressão estereotipada que possamos ter de "Molina mulher", ao mesmo tempo que cria um outro discurso, ou outro ponto de vista, sobre a mesma personagem.

O evidente sucesso do romance reside justamente naquilo que ele mais quer desmascarar: o discurso da opressão e a porosidade de certos modelos esquemáticos. O romance acaba também sendo vítima de suas próprias investidas: sua proibição na Argentina (lugar de nascimento do Autor) e em Cuba, mostra insuspeitadas coincidências ideológicas da extrema direita e extrema esquerda, desvendando a radical intolerância com a crítica. Por isso, muito cuidado ao mexer com os mitos! Eva Perón e Fidel devem ser preservados no panteão sagrado dos heróis nacionais. Ai de quem os converter numa ópera-rock, num romance folhetinesco, numa paródia, ou os puser lado a lado com a Garbo, heroína incólume. (**Jorge Schwartz**)